



Katia Nahum Campos

**Transmissão geracional:
repercussões na escolha da profissão**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010



Katia Nahum Campos

**Transmissão geracional:
repercussões na escolha da profissão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Andréa Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Simone Biangolino Rocha

Faculdades Integradas Maria Thereza – FAMATH

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC- Rio

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2010

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Katia Nahum Campos

Graduou-se em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui formação em Orientação Profissional pelo Instituto do Ser. É Especialista em Terapia de Família e Casal (PUC- Rio) e em Orientação Educacional (UCAM). Como bolsista de Iniciação Científica do CNPq, participou de projetos de pesquisa do programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UERJ). Apresentou trabalhos em congressos nacionais e internacionais. Atuou como orientadora profissional e educacional em escolas. Atua como psicóloga clínica e orientadora profissional.

Ficha Catalográfica

Campos, Katia Nahum

Transmissão geracional : repercussões na escolha da profissão / Katia Nahum Campos ; orientador: Terezinha Féres-Carneiro. – 2010.

102 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Adolescência. 3. Escolha profissional. 4. Família. 5. Transmissão geracional. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao meu marido, pelo amor,
apoio e paciência.

Agradecimentos

A Deus, por me dar saúde, iluminar cada dia da minha vida, pela proteção e por estar ao meu lado em todos os momentos.

À minha orientadora Terezinha Féres-Carneiro, pelas orientações e pelo auxílio na elaboração deste trabalho. Obrigada pelos momentos de aprendizagem.

Aos meus pais, Marli e Guilherme, por me oferecerem todas as oportunidades na vida, me darem amor e incentivarem meus estudos. Obrigada pelo apoio e por me ensinarem a buscar meus sonhos e a não desistir nunca.

Ao meu marido Filipe, por estar sempre ao meu lado em toda minha vida acadêmica, me incentivando e dando apoio. Obrigada pelo companheirismo, pelo amor e pela compreensão de cada dia.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, os quais foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

À Professora Maria Lucia Seidl, que sempre contribuiu para o meu crescimento profissional. Obrigada pelo carinho, pelos momentos tão agradáveis no grupo de pesquisa e por aumentar o meu interesse pela vida acadêmica a cada dia.

Às amigas Ivanna, Rebeca e Ana Lúcia, com quem dividi ansiedades, dúvidas e bons momentos no decorrer do mestrado. Obrigada pelo companheirismo e carinho.

Ao Carlos Eduardo, pelos ensinamentos nos momentos em que mais precisei de apoio.

Às famílias entrevistadas, obrigada pela disponibilidade.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

A todos os familiares e amigos que me incentivam e torcem pelo meu sucesso. Obrigada por compreenderem a minha ausência nos momentos em que estava “mergulhada” nos estudos.

Resumo

Campos, Katia Nahum; Féres-Carneiro, Terezinha. **Transmissão Geracional: repercussões na escolha da profissão**. Rio de Janeiro, 2010, 102p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A adolescência é uma fase do ciclo de vida na qual o sujeito passa por uma série de transformações corporais e psicológicas. Neste período, há a consolidação da identidade e o jovem se depara com uma gama de escolhas que definirão o seu futuro, dentre elas, a escolha da profissão. Diversos fatores exercem influência nesta escolha e o adolescente a realizará baseado no contexto social, econômico, cultural e psicológico em que se encontra. A decisão por uma carreira faz parte de um processo contínuo que começa desde cedo, com uma grande participação da história de vida familiar. Esta pesquisa teve por objetivo analisar a questão da influência da família na escolha profissional, observando aspectos da transmissão geracional. Foram entrevistadas duas famílias (pai, mãe e adolescente). Os adolescentes cursavam o 3º ano do ensino médio e as famílias residiam na cidade de Niterói/RJ e pertenciam à camada média-alta da população. As entrevistas foram gravadas, transcritas e o conteúdo foi posteriormente analisado. Do conteúdo emergiram três categorias de análise que configuraram os temas primordiais dos relatos dos entrevistados. Constatou-se que a família exerce uma grande influência no momento da escolha profissional, depositando expectativas, fazendo exigências de forma direta ou indireta e passando valores sobre determinadas ocupações. Concluiu-se que a escolha profissional não é feita ao acaso, mas está ligada às profissões cujos valores são transmitidos desde gerações anteriores e aos papéis que cada um deve desempenhar na dinâmica familiar.

Palavras-Chave

Adolescência; escolha profissional; família; transmissão geracional.

Abstract

Campos, Katia Nahum; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **Generational transmission: effects on professional choice**. Rio de Janeiro, 2010, 102p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica in Rio de Janeiro.

Adolescence is a phase in life cycle in which the individual goes through a series of physical and psychological transformations. In this period there is the consolidation of identity and the youngster faces a range of choices that will define his future, including the professional choice. Many factors exert influence in this choice and the adolescent will make it based on his social, cultural and psychological context. The decision for a professional career is part of a continuous process that starts early on, with a great participation of family life history. This research had the goal to analyze family influence in professional choice, observing aspects of generational transmission. Two families (composed by father, mother, and one adolescent) were interviewed. The adolescents were students in the third grade in middle school; families lived in the city of Niterói, in Rio de Janeiro, and were from middle-class. Interviews were recorded, transcribed, and their content was later analyzed. From interviews' content three categories of analysis emerged, which configured fundamental themes in participants' reports. It was observed that the family exerts a great influence in the moment of professional choice, placing expectations, making demands in direct and indirect ways, and transmitting values about certain occupations. It was concluded that professional choice is not made by chance, but is related to professions for which values are transmitted by prior generations and to the roles that each person should play in the family dynamics.

Keywords

Adolescence; professional choice; family; generational transmission.

Sumário

1. Introdução	10
2. O adolescente e a escolha profissional	13
2.1. A adolescência e suas transformações	13
2.2. A escolha da profissão	21
3. A influência do legado familiar na escolha profissional	31
3.1. Transmissão psíquica entre gerações	31
3.2. Transmissão geracional e escolha da profissão	38
4. Método	46
4.1. Abordagem metodológica	46
4.2. Participantes	47
4.2.1. Critérios para participação	47
4.2.2. Características das famílias participantes	48
4.3. Instrumentos	50
4.4. Procedimentos	51
5. Análise e discussão dos resultados	52
Percepções sobre a escolha profissional - Visão dos filhos e dos pais	52
Transmissão geracional na escolha da profissão	64
Valorização das profissões tradicionais	81
6. Considerações finais	89
7. Referências bibliográficas	94
Anexos	100

A verdadeira profissão do homem é encontrar seu caminho para si mesmo.

Hermann Hesse

1

Introdução

A escolha da profissão, normalmente, ocorre na adolescência, período em que o jovem está passando por uma série de transformações corporais e psicológicas. Além destas mudanças, há, também, uma reorganização da dinâmica familiar, iniciando-se um novo ciclo na família, com a entrada do filho no mundo adulto.

Diversos fatores influenciam a escolha profissional do adolescente, tais como, fatores econômicos, sociais e familiares. Estas influências têm sido objeto de reflexão de vários teóricos, pois o seu entendimento é fundamental para uma maior compreensão de como se dá a escolha por uma determinada ocupação.

Algumas profissões tradicionais, tais como medicina, engenharia e direito, continuam no topo do ranking dos cursos mais disputados pelos vestibulandos, como mostra reportagem da revista *Veja* de 11 de novembro de 2009.

Considerando que a atual sociedade, tecnológica e individualista, é exigente, competitiva e globalizada, cada vez mais, há uma preocupação com a conquista de um futuro profissional bem-sucedido e um trabalho que dê um rápido retorno financeiro, sendo o desemprego e a falta de retorno financeiro, os grandes “fantasmas” na vida profissional da maioria das pessoas.

Paradoxalmente, enquanto existe uma valorização extrema da autonomia, pela sociedade contemporânea, ainda pode-se observar a influência da família nas escolhas individuais. Apesar das diversas transformações pelas quais a sociedade tem passado, não se pode negar a importância da família na constituição e desenvolvimento do sujeito. Ela é a referência e continua sendo o lugar onde as pessoas se identificam, se relacionam e se desenvolvem. A família é a matriz da identidade e cada uma estabelece um conjunto de exigências funcionais, que organiza a forma pela qual seus membros interagem. A história de vida, a identificação com outros significativos e a história familiar são referências para a constituição da identidade pessoal.

A instituição familiar está carregada da ideologia da sociedade na qual se encontra, portanto, as transformações sociais produzem conseqüências importantes na estrutura e na dinâmica da mesma. Uma vez que a família está inserida numa sociedade, ela não pode ficar à parte das mudanças sociais, da mesma forma, que a sociedade não pode ficar alheia às alterações no meio familiar.

Desde o momento do nascimento, o sujeito está marcado pelo olhar dos pais, pelos ideais e mitos familiares. Para Féres-Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007), a transmissão geracional oferece aos pais a oportunidade de continuarem a ser uma referência, enquanto ocorrem as mudanças da estrutura familiar, em meio a múltiplas relações. Os pais permanecem sendo um ponto de referência, dentro de uma densa rede social. Sabe-se que o casal, tanto conjugal quanto parental, é um importante ponto de ligação entre as gerações, transmitindo valores, crenças e emoções que compõem as escolhas individuais de seus filhos. Os filhos são a indicação da continuidade familiar e suas escolhas são influenciadas pela história de seus pais, como par conjugal e parental, formados pelas histórias de suas famílias de origem. Sendo assim, o processo parental que envolve conceber e trazer ao mundo, dar um nome, educar, nutrir e garantir o acesso ao mundo adulto, desenvolvendo a autonomia dos filhos, é envolvido pela ruptura e pela continuidade de valores transmitidos de geração em geração.

Não se pode negar, então, que a família está presente no processo de escolha profissional do adolescente, depositando expectativas, fazendo intervenções e dando opiniões. Os pais têm expectativas para o futuro de seu filho e desejam que este siga a imagem que é projetada sobre ele. São propostas metas a serem alcançadas e objetivos de vida e, muitas vezes, os pais investem o filho da missão de realizar os sonhos que eles mesmos não puderam realizar.

Muitos adolescentes destacam a família como sendo um dos fatores mais fortes de influência no momento da escolha profissional. Os jovens falam sobre o medo de desapontar seus pais fazendo uma escolha que não lhes agrade (Campos, 2007; Santos, 2005). Percebe-se que a influência da família nesse processo de escolha é um fato inquestionável. Muitas vezes, os pais só querem ajudar, mas dependendo da forma como apresentam o seu ponto de vista, acabam dificultando a escolha e fazendo com que seus filhos fiquem mais indecisos.

A rede de relações que se forma em cada família está presente de uma maneira ou de outra nas diferentes escolhas que fazemos na vida. Os desejos e expectativas são passados por gerações e, muitas vezes, busca-se um ideal a seguir. Dentre estes desejos, encontram-se os relacionados à profissionalização dos filhos.

O passado vivido pela família é parte extremamente importante na construção das representações que o jovem faz de si mesmo e de suas aptidões para ter sucesso numa profissão específica. Além disso, a valorização familiar das profissões é passada por gerações. Cada membro da família influencia seus próximos e é, ao mesmo tempo, influenciado por eles. As escolhas e motivações, por mais pessoais que possam parecer, são conseqüências e a expressão de uma vivência familiar correspondente a muitas gerações (Lucchiari, 1997).

Assim, a presente dissertação visa investigar aspectos da transmissão geracional, refletindo sobre o momento da escolha da profissão. Para tal, serão apresentadas algumas discussões encontradas na literatura, que contribuirão e darão suporte para este trabalho.

No segundo capítulo, apresento questões relativas à adolescência, suas transformações, a formação da identidade, a escolha profissional, os diversos fatores que interferem neste momento de escolha, a dificuldade de escolher e a busca da realização das expectativas familiares.

O terceiro capítulo aborda o tema da transmissão psíquica geracional e a influência da família na escolha da profissão, apresentando aspectos do legado familiar, a transmissão psíquica intergeracional e a transgeracional e a influência deste legado na escolha da ocupação.

A pesquisa está descrita no quarto capítulo. Neste, a metodologia é apresentada e justificada. Foram entrevistadas duas famílias (pai, mãe e adolescente), que residiam na cidade de Niterói/RJ. Elaborou-se um roteiro de entrevista a partir da revisão da literatura, cujo objetivo foi guiar o entrevistador para que as várias áreas referentes ao tema fossem enfocadas, permitindo que os depoimentos pudessem ser os mais ricos e esclarecedores possíveis.

No quinto capítulo, os resultados são expostos e discutidos. Para tal, os conteúdos das entrevistas foram analisados e agrupados em três categorias.

No sexto capítulo, são expostas as considerações finais, abrangendo as conclusões da pesquisa sobre a influência da família na escolha profissional.

2

O adolescente e a escolha profissional

2.1.

A adolescência e suas transformações

O momento da escolha profissional ocorre na adolescência, período em que há a busca de uma identidade e vários questionamentos. O adolescente encontra-se numa fase de transição, pois de um lado estão seus interesses de criança e do outro o mundo adulto. Segundo Cole (2003), ele está preso entre dois mundos, um é o mundo da dependência e o outro o da responsabilidade. Desta forma, é considerado uma criança pelos pais para certas decisões e também deve responsabilizar-se por suas escolhas.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2009), nas sociedades industriais, o conceito de adolescência como um período de desenvolvimento é bem recente. Nos Estados Unidos, até o começo do século XX, os jovens eram considerados crianças até deixarem a escola, casarem ou arranjam um emprego e entrarem no mundo adulto. Por volta da década de 1920, com a criação das escolas de ensino médio, para atender às necessidades de uma economia industrial e comercial em crescimento, e com mais famílias capacitadas para sustentar a educação formal para seus filhos, os anos adolescentes passaram a ser vistos como um período distinto do desenvolvimento. Segundo as autoras, em algumas sociedades pré-industriais, como a dos índios Chippewa, o conceito de adolescência ainda não existe. Os Chippewa têm apenas dois períodos na infância: do nascimento até quando a criança começa a andar, e deste momento até a puberdade.

As autoras acreditam que a adolescência é uma construção social e que antes do século XX, não existia este conceito. Hoje, a entrada na vida adulta leva mais tempo e é menos definida. A puberdade começa mais cedo e o início da vida profissional tende a ocorrer mais tarde, pois requer períodos mais longos de

educação ou treinamento profissional para que o sujeito possa assumir as responsabilidades da vida adulta.

Ximenes (2004) também compartilha desta visão, ressaltando que, neste fim de século, devido à exigência de qualificação acadêmica e profissional que possibilite ao jovem tornar-se um adulto de sucesso, o período da adolescência vem se ampliando em algumas organizações familiares e segmentos sociais, particularmente, nas camadas mais favorecidas da sociedade. A duração da adolescência tem aumentado devido às grandes exigências educacionais e, também, por causa da falta de oportunidades de trabalho. Percebe-se que a concepção desta fase do ciclo de vida precisa ser compreendida em seu contexto sociocultural e econômico, podendo ser mais valorizada ou até ignorada em certas sociedades.

A autora acredita que o tempo de maior permanência dos filhos na casa dos pais tem permitido que seja instituída a ditadura dos filhos ou o filiarcado, período em que há um grande investimento na formação e qualificação profissional do adolescente. Esse novo momento tem elevado a adolescência a uma posição de destaque entre as fases da vida humana, prolongando-se num tempo cronológico, nas sociedades modernas, criando uma nova modalidade de adolescentes nomeados de adolescentes tardios, ou seja, aqueles que ainda estão estudando, sem vínculo de trabalho definido e permanecem vivendo no espaço familiar.

Nos mais variados campos do conhecimento, a adolescência vem-se constituindo objeto de interesse e de investigação, desde que o perfil da sociedade moderna ocidental alterou-se e redesenhou-se em função das grandes transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram, principalmente, a partir da Segunda Guerra Mundial. A definição do que é a adolescência foi discutida em reuniões da Organização Mundial de Saúde (OMS). Sendo assim, de acordo com a OMS, a adolescência corresponde a um período em que: o indivíduo passa da fase do aparecimento dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual; os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a adulta e a transição do estado de dependência passa a outro de relativa independência. Então, fica-se entendido que não se impõem limites específicos à adolescência e que este termo corresponde a uma classificação social que varia tanto em sua composição, como em suas implicações (Reis e Zioni, 1993).

Para Castanho (1988), o início da adolescência é marcado pela puberdade, que é um processo, essencialmente, hormonal, de maturação e crescimento, onde ocorrem as mudanças biológicas mais acentuadas do ciclo de vida humano. Além dos aspectos orgânicos e metabólicos, a adolescência é um processo psicológico e social, que tem início a partir das transformações da puberdade. Por envolver um processo biológico, a puberdade é universal e todo ser humano passa por ela de forma semelhante. Já, a adolescência é um fenômeno psicológico, que depende de critérios sociais e culturais para ser definida e a sua duração varia de cultura para cultura.

Segundo Dadoorian (2000), alguns autores diferenciam a adolescência e a puberdade. Apesar da adolescência começar com a puberdade, dela se diferencia por se tratar de um fenômeno psicossocial, específico da espécie humana, enquanto a puberdade se caracteriza por ser um fenômeno biológico, comum aos homens e aos animais. A puberdade aparece constantemente ao longo da história como um período de transformação natural do organismo humano. Na adolescência, misturam-se manifestações biológicas e as preocupações psicológicas e sociais.

Mansão (2000) nos fala que, ao atingir a adolescência, o ser humano passa por uma série de adaptações, tais como, a mudança do papel de ser cuidado para o de ser responsável, e a brincadeira é substituída pelo trabalho no ser adulto mais amplo. Neste momento, o adolescente faz a si próprio uma série de questionamentos.

Lisboa (1997) acredita que adolescência é uma das fases mais complexas para o ser humano, pois gera instabilidades e inseguranças devido à profundidade das transformações que acontecem. É um momento em que o sujeito é invadido, biológica e socialmente, por exigências nunca antes experimentadas. Em relação ao biológico, há uma série de transformações corporais, a partir das mudanças hormonais. A invasão social acontece devido à expectativa de um comportamento diferente do infantil, coerente com um comportamento adulto, assumindo responsabilidades, passando pela inserção no mundo do trabalho que, dependendo da classe social, inicia-se com a escolha da futura profissão.

Para a autora, na construção da identidade do adolescente, alguns elementos se destacam por serem diferenciados da identidade infantil. As figuras de identificação, base para a formação da identidade, até este momento, foram, principalmente, os pais. No entanto, na fase da adolescência, outras figuras tomam

o lugar de maior importância, acontecendo, inclusive, a perda do lugar dos pais frente a elas. Estas figuras são, por exemplo, o grupo de amigos, os personagens que se evidenciam nos esportes, música, cinema e televisão e os professores.

De acordo com Castanho (1988), os adolescentes rebelam-se contra o domínio dos pais, seu sistema de valores e a intromissão em sua vida particular, uma vez que precisam separar sua identidade da identidade de seus progenitores. No entanto, há uma grande necessidade de pertencer a um grupo social. Os companheiros de idade e o grupo de amigos os ajudam a se encontrar e a definir quem ele é dentro de certo contexto social.

Uma das tarefas principais da adolescência é a estruturação da identidade que, embora comece a ser moldada desde o início da vida do sujeito, é na adolescência que ela se define. A identidade se organiza a partir das inúmeras identificações: primeiramente, com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com outros membros da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos e pessoas da sociedade em geral. Inicialmente, o bebê vive um estado de fusão com a mãe e, posteriormente, há uma interdição do pai, rompendo este vínculo simbiótico. Este é um momento fundamental e estruturante para a criança. Já a organização da identidade, ocorre na adolescência, e é um processo que, como os outros acontecimentos desta fase, se dá com turbulências, provocando perplexidade nos adultos (Outeiral, 1994).

Carvajal (1998) relata que a base fundamental para a constituição da identidade na adolescência ocorre a partir dos questionamentos e rupturas com os modelos adultos significativos. Ao mesmo tempo em que repudia tudo o que está relacionado à infância, também questiona, destrói e reconstrói os modelos adultos que lhe foram apresentados até então. O adolescente possui uma necessidade de se diferenciar, romper com a relação fusional pais-criança da infância, conseguindo conquistar aos poucos sua independência psicológica e formar sua própria identidade.

Segundo o autor, o jovem vivencia três momentos, para que este processo de desconstrução e reconstrução se complete: adolescência puberal, nuclear e juvenil. Na adolescência puberal, há transformações corporais intensas, passando até por vivências de despersonalização. Surgem atitudes de desobediência, desafio e denegrimiento dos pais. O adolescente vai percebendo que seus pais não eram perfeitos como acreditava e nessa fase passa a perceber seus defeitos e limitações.

Ele não quer mais ser tratado como criança, ocorrem mudanças no humor, sonolência, decorrentes das intensas transformações hormonais pelas quais está passando.

Na adolescência nuclear, há um investimento afetivo no grupo e um desinvestimento afetivo nos pais. Os pais vão deixando de ser a referência e o grupo assume essa função. O grupo é formado por pares do mesmo sexo e é ele que passará a ditar as normas e suas regras de conduta, por isso é muito importante ser aceito no grupo e a possibilidade de exclusão é assustadora.

Na adolescência juvenil, acontece uma retomada do modelo adulto e um distanciamento progressivo do grupo. O comportamento do jovem com seus pais e adultos significativos se modifica. Na área afetiva, começa o namoro sério e no campo profissional passa a se envolver mais com a escolha profissional realizada.

As transformações da adolescência envolvem, entre outros aspectos, três perdas fundamentais: perda do corpo infantil, pois o adolescente precisa se acostumar com um corpo diferenciado; perda da identidade infantil, pois perde a proteção dada a todo o momento pelos pais na infância, devendo se acostumar com os novos direitos e deveres exigidos; e perda dos pais da infância, já que o adolescente começa a perceber os defeitos e os atributos humanos destes, passando a ver os pais não mais como os “heróis” que ele imaginava, e sim como seres humanos passíveis de erro. Estas perdas são elaboradas, gradualmente, no processo de luto, no qual vai ocorrendo um desinvestimento destes aspectos da infância, para dar lugar à nova condição que vai surgindo (Aberastury, 1971).

Segundo Mahl, Soares e Oliveira Neto (2005), o que chamamos de perda constituiu-se também em ganhos e aquisições, pois a perda do corpo infantil é, na realidade, a aquisição do corpo adulto, ou pelo menos um processo para essa aquisição.

Para Garcia-Preto (1995), a adolescência exige mudanças estruturais e a renegociação de papéis na família, envolvendo pelo menos três gerações de parentes. A necessidade do adolescente de maior autonomia e independência tende a iniciar mudanças nos relacionamentos entre as gerações. A luta para satisfazer as demandas adolescentes, frequentemente, faz aflorar conflitos não-resolvidos entre os pais e avós ou entre os próprios pais. Parece existir uma reação em cadeia, recíproca, de satisfazer e fazer exigências entre as gerações, que é precipitada pelos adolescentes da geração mais jovem.

Conforme exposto, anteriormente, o adolescente passa por uma crise de identidade, onde há um conflito entre o desejo de individuação, progressão e crescimento, e o desejo de manter-se na condição infantil, desfrutando dos privilégios de ser criança. Teixeira e Hashimoto (2005) chamam a atenção para um conflito equivalente que ocorre nos pais, que ficam entre o desejo de dependência dos seus filhos e o desejo de que eles se tornem independentes. Alguns pais podem ver a independência do filho como uma representação do seu envelhecimento ou, também, como uma ameaça ao lugar e à imagem que ocupam na dinâmica familiar, por exemplo, sua posição de autoridade. Assim, eles poderiam desejar de forma inconsciente, que seus filhos continuassem “crianças” em função de suas próprias necessidades.

Além disso, começam a aparecer os primeiros confrontos com a família, pois as expectativas e os desejos vão aparecendo de forma mais clara e o adolescente fica confuso, pois precisa diferenciá-los de seus próprios desejos. Segundo Santos (2005), os pais podem reviver os seus conflitos da adolescência, pois diante da adolescência dos filhos, eles revivem as suas próprias situações edípicas conflitivas, ressentem-se do afastamento dos filhos e precisam elaborar uma série de lutos associados ao amadurecimento dos seus próprios filhos e ao seu próprio envelhecimento. As crises vivenciadas pelo adolescente e sua família incluem, também, as oscilações em sua definição profissional, questionamentos quanto à escolha de uma profissão rentável e segura, mas que não satisfaz, ou a opção por uma atividade que é atrativa, mas que não traz estabilidade financeira.

O adolescente encontra-se num processo evolutivo, no qual ocorre tanto uma desestruturação, como uma reorganização da identidade, marcando as instabilidades tão frequentes desta fase. Portanto, no momento da escolha profissional, deve-se levar em consideração, também, os aspectos particulares da adolescência. Quando se escolhe uma profissão, vislumbra-se, de forma mais concreta, a possibilidade de individuação e de independência (Teixeira e Hashimoto, 2005).

Sobre a crise de identidade na adolescência, Bohoslavsky (1991) diz que “todo adolescente é uma pessoa em crise, na medida em que está desestruturando e reestruturando, tanto seu mundo interior como suas relações com o mundo exterior” (p. 61).

Ximenes (2004) acredita que a aquisição da identidade não se constitui uma tarefa individual e solitária do adolescente, mas responde a um processo de

interação grupal, iniciado na família, desde a infância, mediado pelo contexto cultural em que os papéis sociais, sexuais e de gênero, valores e símbolos são definidos. Para a autora, a identidade é ação, é busca de concretização de atos e sentimentos que levam a um projeto a ser realizado, conquistado, baseado nos valores que foram apreendidos nas relações estabelecidas. Pensar em identidade é refletir sobre um processo de construção e identificação que permite o reconhecimento como pessoa em relação a outras pessoas, com as quais serão vividos e idealizados os projetos de vida pessoais.

A identidade é formada nas diversas relações que se estabelecem entre as pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada sujeito. Desde criança nos identificamos, consciente ou inconscientemente, assumindo e experimentando papéis que irão servir de base para o estabelecimento da identidade futura. Pode-se falar em várias especificidades da identidade, tais como, identidade sexual, identidade ocupacional, etc. Em alguns momentos, a dificuldade em assumir a identidade sexual pode culminar numa dificuldade em assumir a identidade ocupacional, pois ambas estão interligadas (Soares, 2002).

Bohoslavsky (1991) relata que é nas mudanças implícitas da passagem da infância à idade adulta que o sujeito deve achar formas diferentes de se adaptar, encontrando, neste processo, dificuldades onde a magnitude determinará uma adolescência mais ou menos conflitiva ou tensa. Uma das áreas onde também há este ajustamento refere-se ao estudo e ao trabalho vistos como forma de ascender a papéis sociais adultos. Quando este ajustamento se realiza no plano psicológico, diz-se que o sujeito alcançou sua identidade ocupacional. Ela não é considerada como algo definido e sim como um momento de um processo submetido às mesmas leis e dificuldades relacionadas à conquista da identidade pessoal.

O autor acredita que a identidade ocupacional é um aspecto da identidade do sujeito, parte de um sistema mais amplo que a compreende. Além disso, ela é determinada e determinante na relação com toda a personalidade. Desta forma, os problemas vocacionais devem ser entendidos como problemas de personalidade, determinados por obstáculos ou erros das pessoas no alcance da identidade ocupacional.

Segundo Hissa e Pinheiro (2004), a identidade pessoal é resultante de um processo psicossocial que é construído por intermédio da constante dialética de interação entre a história da pessoa e as circunstâncias nas quais ela vive,

incluindo seus valores, crenças, normas e costumes, referentes a múltiplos fatores, como, trabalho, família, ética, dinheiro, prestígio e poder. A construção do projeto de vida faz parte do processo de maturação afetiva e intelectual e engloba o conhecimento de si mesmo e das possibilidades e expectativas familiares, assim como, as informações da realidade social, cultural e econômica em que se vive.

Para as autoras, a formação da identidade ocupacional é um processo que começa desde cedo, quando a criança percebe o trabalho dos que moram na sua casa, imita atividades profissionais nas brincadeiras, entra em contato com o que está a sua volta em livros, jogos, na televisão e na internet.

Durante a vida do adolescente, pais, familiares, professores e ídolos de diversas áreas se apresentaram através do seu fazer, do seu trabalho, seja um trabalho profissional ou um trabalho doméstico, todos trouxeram consigo um modelo de trabalhador. Sendo assim, estas figuras já se faziam presentes e foram introjetadas a partir da identidade infantil. O adolescente corre o risco de idealizar figuras sem base na realidade, confundindo a pessoa com o fazer, o sucesso ou a satisfação de outro no trabalho com as características do trabalho, ou seja, pela identificação, pode deixar de ver objetivamente as particularidades do fazer profissional e os diversos fatores que compõem este fazer (Lisboa, 1997).

De acordo com Bohoslavsky (1991), a identidade ocupacional é a autopercepção em termos de papéis ocupacionais, ao longo do tempo. Ela se relaciona com o desenvolvimento da identidade, entendida em seu amplo sentido. Todo conflito em relação à escolha de uma forma de ser, através de algo a fazer (uma ocupação), expressa uma não integração de identidades variadas, ou seja, todas as dúvidas do adolescente a respeito de “quem quer ser” obedecem a identificações que ainda não se integraram. O adolescente alcança sua identidade ocupacional, quando estas identificações se integram e perdem o caráter defensivo ou protetor original, desta forma, o jovem passa a saber o que quer fazer, de que modo e em que contexto.

Portanto, a formação da identidade ocupacional pertence a cada sujeito, tendo como base a sua história de vida e levando em consideração o seu projeto de vida e as influências recebidas.

2.2.

A escolha da profissão

No meio de todas as transformações da adolescência, o sujeito ainda precisa escolher uma profissão. Nesta escolha, levam-se em consideração os valores, as aspirações, as habilidades, as condições sociais e econômicas e o projeto de vida deste jovem.

O ato de escolher reflete o desejo, o modo de ser e agir, a perspectiva de um futuro de realização e conquistas, por este motivo, ele é tão importante e significativo na definição do projeto de vida pessoal. As alterações no projeto de vida do adolescente terão repercussões diretas no projeto de vida de toda a família, que também precisará de tempo e flexibilidade para se adaptar às novas situações. Com relação à escolha e ao projeto de vida profissional, o desafio conjunto é descobrir novas formas de lidar com as transformações pelas quais vem passando tanto a família, como o universo do trabalho nas sociedades capitalistas e globalizadas (Ximenes, 2004).

Para Lemos e Ferreira (2004), todo processo de escolha envolve um levantamento das possibilidades boas e ruins. Desta forma, é preciso tolerar o ruim, para depois usufruir do bom. Faz-se necessário tolerar as frustrações, “abrindo mão” da fantasia onipotente de que se tem todas as possibilidades, de que se pode tudo. Escolher uma profissão implica saber a respeito dos seus aspectos positivos e negativos e estar consciente de que, ao escolher uma carreira, irá se deparar com os dois lados. A escolha da profissão é apenas a primeira grande escolha de uma sucessão de escolhas que o jovem terá que tomar ao longo da sua carreira profissional. Com o passar do tempo, terá que escolher a área de trabalho dentro da profissão escolhida, em que lugar irá trabalhar, especializações que fará, empresas em que trabalhará, propostas de mudança para outra área, como se promoverá profissionalmente, dentre outras escolhas.

Além das conhecidas profissões de nível superior, cuja escolha, geralmente, ocorre aos 17 ou 18 anos, tendo como requisito o término do ensino médio, houve um crescimento da procura por cursos técnicos, sendo, atualmente, uma forma rápida de se ingressar no mercado de trabalho. Estes cursos têm despertado cada vez mais os interesses de estudantes e profissionais, por terem uma menor duração e oferecerem um aprendizado mais prático. De acordo com Mahl, Soares e Oliveira

Neto (2005), o momento da escolha é determinado socioculturalmente, não estabelecendo nenhuma relação com um pressuposto amadurecimento biopsicossocial.

Nesta faixa etária, o sujeito ainda está num processo de amadurecimento e formação da identidade, sendo assim, a necessidade de escolher uma profissão, prematuramente, pode causar sérias consequências para o futuro profissional do sujeito, tais como, a desistência ou abandono do curso escolhido, insatisfação em relação ao trabalho desempenhado, falta de conhecimento sobre a profissão, mudanças de cursos, atuação profissional em área diferente do diploma recebido, etc.

Segundo Lucchiari (1993), a escolha profissional coincide com a fase do desenvolvimento na qual o adolescente está buscando conhecer melhor seus gostos, interesses e motivações. Na transição da adolescência para a vida adulta, há a necessidade de o indivíduo fazer a escolha de uma profissão, o que, muitas vezes, torna-se motivo de dúvida e insegurança, devido ao despreparo em que ele se encontra. É neste momento que começam a aparecer os primeiros confrontos com a família. As expectativas e desejos da família vão aparecendo de forma mais clara e o adolescente fica confuso, pois precisa diferenciá-los de seus próprios desejos.

Antigamente, era natural que os pais escolhessem a profissão para os filhos, o desejo paterno era visto como um caminho natural e seguro para a escolha profissional. Então, eram os pais quem diziam se o filho seria padre, quem estudaria, e se estudaria direito ou medicina. Hoje em dia, é muito importante acompanhar o avanço da liberdade individual. Se, há algum tempo atrás, tínhamos algumas dezenas de profissões possíveis entre aquelas que exigiam nível médio e superior, hoje, existem mais de uma centena de cursos de graduação, além das pós-graduações possíveis, cursos técnicos, onde precisa-se fazer novas escolhas, oferecendo novas possibilidades. Desta forma, o crescimento das oportunidades de escolha ampliou a possibilidade de o homem exercer seu potencial criativo, no entanto, trouxe outras dificuldades, ainda mais pelo fato de os pais não terem acompanhado estas mudanças e, assim, muitas vezes, não prepararem seus filhos para elas. Portanto, parece existir uma retroalimentação das angústias que, sendo paternas, afetam diretamente aos filhos, assumindo-as como suas (Barreto e Aiello-Vaisberg, 2007).

Levenfus & Nunes (2002) observam que os adolescentes fazem muitas referências a medos despertados pela situação de escolha profissional. De uma forma geral, estes medos referem-se a errar na escolha e ser infeliz, ou ter que mudar de curso. Relatam também as pressões internas e externas que contribuem para dificultar a tomada de decisão de mudança, uma vez já estabelecida a escolha. Esta ansiedade parece estar ligada à realidade, já que diversas pesquisas apontam um alto índice de evasão nas universidades por abandono ou troca de curso. Existe uma tendência nos jovens de idealizar a profissão que pretendem seguir, pois imaginam uma profissão perfeita, ideal, que responderá a todas as suas aspirações e sobre a qual poderão projetar seus sonhos.

Castanho (1988) acredita que este momento é muito conturbado, pois o adolescente está se definindo em termos de profissão e, também, em termos político, religioso, sexual e, ainda, tentando se emancipar dos pais, para ocupar um lugar de adulto dentro da família. Eleger uma profissão é dar início a um caminho que levará à independência, com todas as responsabilidades, obrigações e privilégios de ser dono da própria vida e isto implica em escolher uma forma de participar do sistema de produção vigente.

De acordo com Filomeno (2005), a escolha profissional não é uma escolha isolada, mas um processo contínuo, composto por uma série de decisões que foram tomadas ao longo da vida. Escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer, mas, principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida, uma forma de viver. Quando se escolhe uma profissão, escolhe-se não apenas um curso ou uma atividade de trabalho, mas também o tipo de lugar onde se trabalhará, o ambiente de trabalho, a rotina diária e o retorno que se poderá obter: salários, prestígio, promoção. Sabe-se que todo ato de escolher implica em perdas, pois escolhem-se determinadas opções em detrimento de outras.

“Quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira. Está escolhendo com o que trabalhar, está definindo para que fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida, está escolhendo um como, delimitando um quando e onde, isto é, está escolhendo o inserir-se numa área específica da realidade ocupacional. Está definindo quem vai ser, ou seja, está escolhendo um papel adulto e, para fazê-lo, não pode se basear noutra coisa que não o quem é”.

(Bohoslavsky, 1991, p. 79-80)

Macedo (2000) acredita que a escolha é algo particular, portanto, a decisão é de quem escolhe e não deve ser transferida. Geralmente, as maiores decisões e as mais delicadas acontecem em determinadas fases da vida, quando o sujeito está em pleno processo de mudança, por exemplo, na adolescência.

Para Teixeira e Hashimoto (2005), devido à dificuldade de passar pela fase da escolha da profissão, pode acontecer do adolescente definir o que quer muito rapidamente, escolhendo a profissão que foi sugerida pela família, escola, professores, amigos, entre outros. Isto pode acontecer pelo fato de o adolescente não suportar passar pelo processo de escolha, em função das angústias e ansiedades desta fase, tendo que definir uma profissão, o mais rápido possível, para amenizar o sofrimento. Ou, então, o jovem pode não conseguir se decidir entre muitas profissões, pois escolher somente uma significa deixar de viver todas as outras possibilidades. Quando decide-se por uma profissão, deixa-se de lado todas as outras escolhas profissionais, porém ganha-se uma “perspectiva de futuro”.

Nesse processo de decisão, segundo Soares (2002), o jovem pode escolher dentro de diversas opções que são oferecidas pelo sistema econômico e que são restringidas pela classe social à qual pertence e pelas influências familiares. Vários fatores interferem no momento da escolha profissional. A autora fala em fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos.

Fatores políticos – referem-se à política governamental e seu posicionamento frente à educação, em especial ao ensino médio, pós-médio, ensino profissionalizante e universidade. Tem-se observado que o sistema político brasileiro, até agora vigente, não tem dado a devida atenção à área da educação, não lhe enviando os recursos necessários e nem levando a sério as leis que o regulamentam. A falta de uma política educacional compatível com os interesses da população é um fato constante na história do Brasil.

Fatores econômicos – referem-se ao mercado de trabalho, à globalização e à informatização das profissões, à falta de oportunidades, ao desemprego, à dificuldade de tornar-se empregável, à falta de planejamento econômico, à queda do poder aquisitivo da classe média e a todas as influências do sistema capitalista neoliberal em que vivemos. O número de formandos aumentou, mas o mercado de trabalho passou a não absorver na mesma proporção, gerando situações onde profissionais formados em determinados cursos, acabam realizando atividades sem nenhuma relação com a graduação concluída.

Fatores sociais – referem-se à divisão da sociedade em classes sociais, à busca de ascensão social por meio do estudo, à influência da sociedade na família e aos efeitos da globalização na cultura e na família. Estes fatores estão basicamente relacionados à classe social na qual o sujeito nasce e que determinará suas oportunidades de formação profissional e de emprego.

Fatores educacionais – referem-se ao sistema de ensino, à falta de investimento do poder público na educação, à necessidade e aos prejuízos do vestibular e à questão da universidade pública e privada. O ensino superior público passou a ser privilégio de uma parcela cada vez mais reduzida da população, proveniente das camadas economicamente mais favorecidas.

Fatores familiares – referem-se à busca da realização das expectativas familiares em detrimento dos interesses pessoais. Os desejos dos pais em relação à profissionalização dos filhos, seus valores e crenças e como isso influencia na decisão e na fabricação dos diferentes papéis profissionais.

Fatores psicológicos – referem-se aos interesses, às motivações, às habilidades e às competências pessoais, à compreensão e conscientização dos fatores determinantes *versus* a desinformação à qual o sujeito está submetido.

Soares (2002), explica cada um desses fatores e como eles determinam a escolha do indivíduo. Eles são discutidos e pensados, tentando compreender a sua inter-relação.

De acordo com Santos (2005), o processo de escolha de uma profissão é baseado na realidade do adolescente, que vive em família, convive com outras pessoas e com seus pares, construindo a sua história, sendo influenciado por seus pais e por terceiros. O jovem precisa se decidir, construir sua própria identidade e, ao mesmo tempo, tornar esta fase difícil, um momento de união familiar, buscando apoio dentro e fora do seu lar.

Dentre os fatores de influência analisados por Soares (2002), o fator familiar será destacado, pois é o interesse deste trabalho. Acredita-se que a busca da realização das expectativas familiares, em detrimento dos interesses pessoais, exerce uma influência muito forte na decisão dos diferentes papéis profissionais. Os adolescentes se preocupam muito em agradar seus pais, quando pensam em qual profissão pretendem seguir.

Para Lisboa (1997), uma vez que a identidade pessoal do adolescente foi formada com base, principalmente, nas figuras parentais e, secundariamente, a

partir de outras pessoas da família e outras pessoas significativas de fora dela, é esperado que na formação da identidade ocupacional este grupo ocupe um lugar de importância para o adolescente.

“A família é a célula social responsável pela transmissão da ideologia dominante, dos valores morais, dos pensamentos e da cultura. Ela é o elo intermediário entre o social e o indivíduo”.

(Soares, 2002, p. 53)

Segundo Moura e Veiga (2005), apesar do grande reconhecimento da importância das interações familiares no desenvolvimento da identidade ocupacional, somente recentemente o comportamento vocacional relacionado à família tem sido investigado. Nos últimos anos, alguns autores têm discutido que o desenvolvimento da identidade ocupacional poderia ser estudado recorrendo a contextos onde ele ocorre, incluindo fatores derivados da família e do contexto escolar e a influência destes elementos no campo social, econômico, político e tecnológico. O desenvolvimento vocacional é conceitualizado como o resultado de interações dinâmicas entre o sujeito e seu contexto que está em constante transformação.

O grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental e seus valores constituem bases significativas na escolha do adolescente, quer a família atue como grupo positivo de referência, quer atue como grupo negativo de referência. Além disso, as satisfações ou insatisfações dos pais e de outros familiares significativos, com relação ao seu próprio trabalho, exercem um papel importante nas influências que, desde criança, o adolescente recebe em seu lar (Bohoslavsky, 1991).

Andrade (1997) cita o resultado de estudos que realizou, na Universidade de Campinas, na qual constatou que o nível de satisfação dos pais com suas profissões influencia a motivação do jovem para com a sua escolha profissional. Quanto mais os filhos percebem a satisfação profissional dos pais, principalmente, da mãe, maiores são as possibilidades de se motivarem e se sentirem entusiasmados com sua própria carreira.

Sabe-se que a família, ao incentivar certos comportamentos e atitudes das crianças e reprimir outras iniciativas, já começa a interferir no processo de

apreensão da realidade, determinando em parte seus hábitos e interesses. Para o adolescente escolher o que ele quer ser no futuro, é necessário que ele reconheça o que ele foi no passado, as influências sofridas na infância, os fatos que foram mais marcantes na sua vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho que ele for escolher vai possibilitar ou não a realização dessas expectativas (Soares, 2002). As expectativas com relação ao futuro estão carregadas de emoções, de afetos, esperanças, medos e inseguranças, que são tanto do adolescente quanto de seus familiares mais próximos. Os processos afetivos vividos no universo familiar se relacionam e condicionam o tipo de escolha profissional realizado por um dos elementos da família.

Segundo Aylmer (1995), as questões de competitividade, as expectativas e diferenças em relação às realizações profissionais da geração mais velha e da mais nova, frequentemente, inibem uma maior diferenciação do eu na família. Para o jovem, a competitividade reativa para superar os pais ou, em outro extremo, a oposição reativa de mostrar como os pais estavam errados em suas escolhas de vida, geralmente, compromete a energia necessária no mundo externo, vinculando-a a envolvimento familiares improdutivos. Estes conflitos podem provocar desvios inadequados no caminho profissional do jovem, afastando-o daquilo que seria o mais apropriado para as suas reais capacidades e necessidades. Os jovens podem, então, ficar ambivalentes em relação a buscar os conselhos dos pais e de outros membros da família, nesse período de grande estresse.

A estrutura familiar cria, muitas vezes, também, impedimentos à livre escolha e isso se dá tanto de forma explícita (quando os pais falam do seu desejo de que o filho siga a mesma profissão que eles ou realize um sonho que eles não conseguiram realizar), como de maneira mais sutil, através de autoconceitos e opiniões expressas pelos membros familiares, ou seja, o que é falado sobre um curso, uma profissão e uma carreira. Esta última influência ocorre de forma indireta e implícita, o indivíduo vai-se construindo dentro de um sistema familiar com conceitos sobre certas profissões.

A escolha da profissão pode ser objeto de identificação e permitir ao jovem definir sua identidade como profissional. Observamos, muitas vezes, que na profissão escolhida pelo adolescente há um certo número de traços com os quais ele se identifica. A família distribui papéis que os filhos devem desempenhar e isso, muitas vezes, está relacionado ao fato dele “ter que” realizar o sonho dos

pais. Este filho torna-se depositário das aspirações que os pais não conseguiram realizar, assumindo o papel de “delegado”, ou seja, responsável por atuar numa profissão que seus pais, por algum motivo, não puderam realizar. Identificando-se ao ideal de seus pais, o adolescente tenta corresponder à expectativa dos mesmos. Desta forma, a elaboração do projeto profissional fica submetida à influência exercida pela família na reelaboração do ideal de ego na adolescência (Soares-Lucchiari, 1997).

O adolescente pode estabelecer conceitos, valores e preconceitos sobre determinadas profissões, de acordo com o que escuta e vê dentro de casa. O sucesso, o fracasso, as dificuldades, a satisfação ou insatisfação da profissão dos pais pode ir contribuindo para que o adolescente constitua uma imagem dessas profissões. O jovem também pode escolher uma profissão pela proximidade, por conhecer mais, por fazer parte do seu dia-a-dia, e assim, acabar pensando que gosta da mesma (Filomeno, 2005).

Para Lucchiari (1993), escolher é decidir, entre uma série de opções pela que parece ser melhor naquele momento. Então, cada escolha feita faz parte de um projeto de vida que vai-se realizando. De acordo com Mahl, Soares e Oliveira Neto (2005), o jovem, geralmente, escolhe uma profissão sem reconhecer as influências recebidas do ambiente familiar. A genealogia está presente de uma forma ou de outra nas diferentes escolhas realizadas na vida, especialmente, na profissão a seguir. Para os autores, a construção do projeto profissional só terá um significado para o jovem, se ele se reconhecer como parte de um projeto maior de sua família da qual ele se sente como parte integrante.

De acordo com Soares-Lucchiari (1997), é na adolescência que são feitas escolhas relacionadas ao estudo a seguir e também há a escolha de um companheiro. Na medida em que essas escolhas são feitas, o adolescente define sua própria identidade se identificando e se diferenciando de seus pais. Muitas vezes, acontece de os conflitos relacionais não estarem bem resolvidos e a imagem de si mesmo e de seus ideais ainda estarem mal-articuladas e os desejos dos pais e as possibilidades escolares, mal-elaborados. É importante para o adolescente se conformar, de maneira positiva ou negativa, em entrar na herança familiar para se sentir pertencente a uma determinada família. A dificuldade e impossibilidade de escolher estão ligadas, muitas vezes, a situações conflituosas latentes ou manifestas nas relações familiares. A escolha da profissão responderia

aos ideais de ego, conciliados na realização dos desejos familiares mais profundos.

A autora relata que na escolha está presente uma ruptura, que é também um vínculo entre o passado, marcado pelo fato de fazer parte de uma determinada família, com suas relações de dependência aos pais e o futuro, onde se assumirá uma identidade adulta. Sabemos que o sobrenome de uma família permite tomar lugar enquanto individualidade, ou seja, ser um sujeito de uma herança familiar, já a profissão vai permitir tomar lugar enquanto adulto, isto é, como pessoa autônoma na sociedade.

Dias de Andrade (1997) acredita que uma família bem estruturada, na qual o sujeito pôde amadurecer, sendo respeitado e respeitando os demais, onde os potenciais individuais foram adequadamente otimizados, gerará sujeitos mais seguros e otimistas em seu projeto de carreira, havendo desta forma, uma escolha profissional mais centrada. No entanto, uma família na qual o sujeito se desenvolveu de forma deficitária ou destrutiva, gerará sujeitos inseguros e limitados em seus potenciais ocupacionais, gerando insegurança neste processo decisório.

Estar atento à influência da família, no momento em que o adolescente está escolhendo sua profissão, é de extrema importância, pois a família é a base do desenvolvimento psicossocial do ser humano. Desde que nasce, a criança é inserida em um meio familiar, no qual se estrutura, se constitui e se constrói como sujeito (Filomeno, 2005). É muito importante compreender esse processo, para poder contribuir com uma orientação adequada.

Observa-se uma forte tendência de filhos de pais com curso superior, seguirem carreiras de nível superior. Além disso, há famílias nas quais várias gerações se dedicam a uma única carreira, por exemplo, famílias onde em todas as gerações sempre tem membros que são médicos. Muitas vezes, fica difícil escolher uma profissão diferente, pois não se pode romper esta “perpetuação profissional”. De forma igualmente numerosa, existem muitos adolescentes sendo forçados a seguir carreiras familiares totalmente desvinculadas de suas realidades pessoais, o que os torna infelizes, incompetentes e extremamente insatisfeitos (Dias de Andrade, 1997).

Além de tudo que já foi discutido, ao escolher uma profissão, o adolescente precisa conviver com um luto, o luto pela não escolha das outras ocupações que são

igualmente interessantes. O jovem precisa conviver com o fato de ter deixado de lado todas as outras profissões que não foram escolhidas, fantasiando a respeito de como seria sua vida se tivesse feito uma outra opção, se fez realmente a escolha certa, etc.

A escolha de uma carreira é também a escolha de um estilo de vida e, muitas vezes, é necessário abandonar algumas expectativas e valores familiares. Sabemos que escolher uma carreira significa assumir um papel ativo e maduro de transformação pessoal, acelerando o processo de separação dos pais e de independência. Seria desejável que a família atuasse de forma construtiva, dando espaço para que seus membros progridam como sujeitos e possam assumir os seus próprios projetos pessoais.

3

A influência do legado familiar na escolha profissional

3.1.

Transmissão psíquica entre gerações

A questão da transmissão psíquica entre gerações vem sendo estudada por diversos teóricos, tanto na abordagem psicanalítica, quanto na sistêmica (Bertin e Passos, 2003). Os estudos sobre a transmissão psíquica, dentro da dimensão psicanalítica, priorizam a relação entre os conteúdos inconscientes, que são transmitidos de geração a geração, em uma mesma cadeia familiar. Já, na visão sistêmica de família, o foco é o sistema ao invés do indivíduo, priorizando as relações intersubjetivas e a homeostase do sistema.

Segundo Wagner (2005), o estudo da transmissão familiar focaliza a variedade de padrões familiares que se repetem de uma geração a outra, mesmo que as pessoas envolvidas não percebam. Este padrão define-se a partir de legados, valores, crenças, segredos, ritos e mitos que se perpetuam e fazem parte da história da família. A maneira como a família e seus membros vivenciam as diversas etapas do ciclo vital, suas facilidades ou dificuldades ao enfrentar as demandas evolutivas, é explicada, muitas vezes, pelos componentes emocionais que foram herdados de seus antepassados.

De acordo com Falcke e Wagner (2005), encontramos, nas culturas mais diversas, a força da família em sua perpetuação, através da transmissão de seus legados de geração em geração. O fenômeno da transmissão geracional, não só dá identidade à família, como também, explica as particularidades que caracterizam o funcionamento familiar da última geração.

Em todas as famílias, ocorre a transmissão de valores, crenças, mitos e legados de uma geração para outra. As relações familiares estabelecidas, desde o nascimento, são as mais importantes da vida e vão representar o comportamento

futuro de determinada geração. A identidade do sujeito irá se constituir a partir deste legado familiar que, também, definirá o lugar que ele passará a assumir na família.

Falcke e Wagner (2005) realizaram uma revisão da literatura sobre os fenômenos transgeracionais e descreveram cada um deles, apresentando as possíveis diferenças entre tais conceitos, suas principais características e apontando os principais estudiosos. Os seguintes fenômenos transgeracionais foram encontrados por elas: lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, ritos ou rituais e legados. Para as autoras, as lealdades são forças que tornam o sujeito um membro efetivo do grupo e lhe exigem, em troca, o compromisso de cumprir os mandatos do sistema; marcam o pertencimento e buscam criar um vínculo entre os membros, inclusive transgeracionalmente. Já os valores são aspectos que a família ou grupo se preocupam em transmitir aos seus descendentes e correspondem à ideologia do sistema familiar, podendo ser explícitos ou implícitos.

Com relação às crenças, as autoras pontuam que se referem a um conjunto de pressupostos em relação ao que é certo ou errado e que, em função disso, devem ser incorporado pela família ou não. Além disso, constituem-se na base da identidade familiar. Já os mitos têm a finalidade de garantir a coesão da família e servem para encobrir uma realidade penosa.

Os segredos referem-se a atitudes de esconder fatos e sentimentos que não correspondem aos padrões familiares e sociais ou que dizem respeito à privacidade do sujeito. De acordo com as autoras, os ritos ou rituais são cerimônias com regras determinadas que têm como função transmitir os mitos familiares e ensinar os membros sobre valores, atitudes e comportamentos. E, por fim, os legados são fenômenos que revelam às gerações seguintes os principais aspectos da família atual e o que se espera que tenha continuidade. Eles incluem instruções com relação à maneira como deve constituir-se a família da geração seguinte.

Estes fenômenos estão num processo contínuo de interação, não se expressando de forma isolada na dinâmica familiar. Os legados ficam expressos como a integração de todos estes conceitos e fazem a seleção do conteúdo que será transmitido às próximas gerações.

Ao longo do ciclo de vida, as famílias estão suscetíveis a crises, que apesar de gerarem instabilidades, impulsionam ao crescimento e amadurecimento. Desta forma, a crise gera uma instabilidade temporária e cria a necessidade de uma reorganização das relações entre os membros da família e a descoberta de novas regras de funcionamento. Nestes momentos de crise, fica mais evidente a força dos padrões familiares transgeracionais. Acredita-se que o sujeito, conhecendo os processos transmitidos transgeracionalmente na sua família, pode fazer uma opção mais consciente do que deseja para sua vida. Desta forma, a experiência passada pode ser modificada, no futuro, caso o sujeito compreenda a sua história, alcançando uma posição diferenciada dentro da família e construindo uma realidade diferente, deixando de obedecer “cegamente” o que está sendo passado através das gerações.

No processo de transmissão, tanto pode haver uma urgência em transmitir como em interromper este processo. A urgência está ligada às exigências de conservação e continuidade da vida psíquica, já a interrupção está relacionada às exigências de caráter proibitivo. Segundo Pereira (2005), muitas vezes, o que é impronunciável numa primeira geração, se transforma em inominável numa segunda e impensável numa terceira que, vendo-se impossibilitada de representar em seu psiquismo tais segredos ou lutos, ficará sujeita a viver com enigmas e fantasmas.

Na visão psicanalítica de Ruiz Correa (2000), todos nós somos portadores de uma herança genealógica que constitui o fundamento de nossa vida psíquica e que se processa em nível inconsciente. Em diversas etapas da vida, se impõe ao sujeito a questão de como lidar com o legado geracional e com sua pertença a uma filiação. O espaço por excelência deste processo é o grupo familiar onde se articulam diversos mecanismos de identificação, lugar de circulação da transmissão psíquica.

De acordo com a autora, o grupo familiar é o espaço privilegiado tanto da transmissão psíquica geracional inconsciente quanto da transmissão cultural. Todo indivíduo parte da precocidade de seu desenvolvimento e transforma-se em sujeito fazendo parte de uma ordem simbólica, mediada pela cultura e pela linguagem.

Kaës (1998) relata que a questão da precedência do outro e de mais de um outro no destino do sujeito continua como uma espécie de desafio ao entendimento

da vida psíquica. A questão do sujeito define-se, cada vez mais, no espaço intersubjetivo, ou seja, no espaço e no tempo da geração, do familiar e do grupal.

Para se compreender a transmissão psíquica e sua influência nas gerações, é necessário levar em consideração a formação de um aparelho psíquico familiar. De acordo com André-Fustier e Aubertel (1998), o aparelho psíquico familiar é uma aparelhagem psíquica comum e partilhada pelos membros de uma família, cuja função é a de articular o funcionamento das relações familiares com os funcionamentos psíquicos individuais de cada um dos membros da família.

Este aparelho possui uma estrutura inconsciente que se refere a um conjunto de regulações que organiza e dá sentido às relações familiares. Cada um dos membros do casal, ao se unir e gerar uma criança, está trazendo sua psique individual, que contém suas histórias, seus mitos e suas heranças. Sendo assim, o novo casal, ao conceber um filho, irá transmitir a ele esses conteúdos, vindos de ambas as ascendências (Bertin e Passos, 2003).

As heranças psíquicas, por um lado, garantem a conservação da história familiar, mas por outro, também transmite aos filhos a responsabilidade de superar as questões que permaneceram suspensas ou não elaboradas no inconsciente de seus pais e avós.

Sabe-se que o discurso familiar é repleto de enunciados com os quais a criança se identifica e a partir dos quais se constitui, podendo ser manifestados alguns “mandatos” oriundos de uma geração anterior. Desta forma, o discurso que antecede a chegada de um filho contém tanto as expectativas dos pais como a das gerações que os precederam. São estas expectativas que irão criar um “caminho” a ser seguido, designando o lugar, a posição e a função da criança no cenário da vida familiar.

De acordo com Kaës (2001), é inquestionável o fato de que somos colocados no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo, e que nossa pré-história faz de cada um de nós, bem antes de nascermos, o sujeito de um conjunto intersubjetivo, cujos sujeitos nos têm e nos mantêm como servidores e herdeiros de seus “sonhos”, de desejos insatisfeitos, de seus recalamentos e de suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias e de suas histórias.

Segundo Piva (2006), o tema da transmissão psíquica faz compreender o sujeito como herdeiro de múltiplas experiências ancestrais, que tanto podem enriquecê-lo quanto torná-lo prisioneiro de uma história que não é sua. Sabe-se que a transmissão psíquica é universal e co-formadora de subjetividade, além disso, ela nunca é passiva, pois existe sempre um processo ativo, onde a mesma deixa sua marca no sujeito, através de complexas operações de reinscrição e transformação, que serão sempre singulares e únicas. O processo da transmissão pode acontecer através de uma elaboração, quando uma geração consegue transformar aquilo que recebe, apropriando-se do herdado. Esta forma de trabalho possibilita inscrever cada sujeito em uma cadeia como pertencente a um grupo, dono de uma história e de um lugar. Por outro lado, quando o herdado é apenas acatado, sem elaboração, sem ligação, estamos no território da compulsão à repetição, da alienação. O herdado passa a ser como um destino a cumprir.

“A transmissão geracional é um processo de ligação e transformação. Se falhar a transmissão adequada, pode tornar-se alienante e desestruturante, por não ter sido transformada, metabolizada, contextualizada”.

(Severo, 2006, p. 268)

Ruiz Correa (2000) fala sobre dois tipos de transmissão: a transmissão psíquica intergeracional que inclui aspectos da metabolização do material psíquico transmitido por uma geração próxima que, transformado, passa para a seguinte; e a transmissão psíquica transgeracional, que se refere a uma modalidade problemática da transmissão, que inclui os objetos psíquicos de uma herança genealógica mais distante, onde encontramos lacunas e vazios de transmissão. São aspectos da chamada denegação pelo não revelado e que incluem, por exemplo, o que foi escondido ou calado pelos ancestrais, bloqueando os processos de transformação psíquica.

De acordo com Trachtenberg (2005), as transmissões transgeracionais inauguram uma cadeia traumática transgeracional, que é dominada pela repetição, em detrimento da memória e da historização do sujeito, enquanto as transmissões intergeracionais tornam possível o estabelecimento de um elo geracional.

O sujeito é herdeiro dos desejos que precedem a sua existência e que organizam o seu próprio desejo. Ele deve acolher, apropriar-se e transformar o que

lhe foi transmitido, mesmo que nem sempre isto ocorra com sucesso. As transformações que são solicitadas ao sujeito pela transmissão psíquica intergeracional podem falhar e, ao invés de tornar-se um processo estruturante, pode tornar-se alienante, atravessando o inconsciente das gerações e se impondo aos seus descendentes.

Para Trachtenberg (2005), nas transmissões intergeracionais, o sujeito não é somente beneficiário, herdeiro, servidor forçado, mas também receptor singular daquilo que lhe é transmitido. Trata-se de um trabalho psíquico de elaboração que tem relação com o sujeito e com o grupo, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, ou seja, uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado. Esse trabalho permite a cada geração situar-se em relação às outras, perceber e respeitar as diferenças entre elas, tornar-se um elo e inscrever cada sujeito em uma cadeia e em um grupo.

Segundo a autora, várias situações podem destruir a capacidade e a função parentais, tais como: lutos não-elaborados, segredos, histórias lacunares, histórias de violência, traumas que não puderam ser transformados, simbolizados ou historizados. Essas situações podem comprometer fortemente a capacidade metabolizadora parental de ansiedades primitivas do bebê. Dessa forma, o trauma pode inaugurar, na história de vários sujeitos, as condições para as transmissões transgeracionais, carentes do espaço de transcrição transformadora. O trauma não elaborado pode interromper a transmissão intergeracional. Então, passa a existir outra forma de transmissão, só que defeituosa, transgeracional, que atravessa o psiquismo, invadindo-o violentamente, numa passagem direta de uma geração a outra, sem preservação dos espaços subjetivos e intersubjetivos.

No entanto, o que se transmite não é só o negativo (o que não se contém, o que não se recorda, o significativo bruto, sem ter passado por uma operação de transcrição e transformação), mas também aquilo que ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a conservação das formas e dos processos de conservação e de complexidade da vida: ideais, mecanismos de defesa, certezas, dúvidas e identificações (Kaës, 1998).

“Os processos de transmissão são sustentados por mecanismos de identificação, junto a um interjogo de projeções-introjeções e incorporações, assim como por uma referência ao superego parental. Neste espaço psíquico intersubjetivo se processa a transmissão psíquica geracional, que precisa ser metabolizada e sofrer transformações”.

(Ruiz Correa, 2003, p. 35)

O processo de transmissão psíquica geracional solicita um trabalho psíquico inconsciente constante, de elaboração e de transformação. Um sujeito não pode inventar totalmente a sua história, ele se baseará nos legados de seus antecessores e, a partir destes dados, irá construir a sua identidade e conquistar o seu lugar no grupo familiar.

Sabe-se que os tempos iniciais da transmissão psíquica consistem na inscrição do bebê na família, o que mobiliza o grupo para a tarefa pré-consciente e inconsciente da construção de uma matriz de representações, de imagens e de lembranças. É no espaço do grupo familiar que se transmitem objetos transformáveis e não transformáveis, evidenciados no “negativo” da transmissão, isto é, tudo aquilo que não foi revelado. Esses objetos tendem a continuar escondidos e, dessa forma, podemos considerá-la uma transmissão não-representável ou impossível de ser totalmente simbolizada (Ruiz Correa, 2000).

Segundo Gomes (2007), a história familiar herdada das gerações anteriores está presente na formação do psiquismo do sujeito. Dependendo da forma como ele a recebe, pode tornar-se um herdeiro ou prisioneiro dessa herança. Tudo irá depender da possibilidade que o psiquismo do sujeito tem de elaborar as heranças psíquicas recebidas.

A transmissão geracional implica um trabalho psíquico que faz referência ao sujeito singular e ao grupo. Ruiz Correa (2000) acredita que transmitir é transvasar um objeto, uma história e os afetos, não só de uma pessoa para outra, mas também, de uma geração para outra, configurando uma determinada distância entre transmissor e receptor. Para a autora, o discurso parental e o discurso social, que dão suporte aos processos de transmissão psíquica, configuram uma série de significações que estão carregadas de afeto, interferindo na construção da subjetividade, dando espaço para o estabelecimento de formas contemporâneas de patologias.

3.2.

Transmissão geracional e escolha da profissão

Desde a gestação, o bebê já recebe várias mensagens de seus cuidadores. A forma como sua mãe o carregará, ninará, alimentará, sua voz e as palavras que serão ditas, tudo isso vai sendo absorvido e captado por esse pequeno ser, que já virá ao mundo com uma carga de investimentos, um nome, um sobrenome, uma história a ser elaborada. Mesmo na barriga, seus movimentos e atos, ainda que biológicos, já serão interpretados, entendidos dentro de uma história passada. Além disso, sabemos que a chegada de um filho marca a reestruturação do casal em família.

Há a criação de um novo vínculo, o vínculo de filiação, com expectativas, investimentos, esperanças e os projetos que lhe são inerentes. No entanto, quando o vínculo de filiação tem um funcionamento, predominantemente, narcisista, o filho é transformado em extensão dos pais, o que tolherá o aparecimento de características próprias, tornando-o apenas uma repetição da história materna e paterna, impedindo-o de construir seu próprio caminho, diferente do esperado e desejado pelos pais (Chemin, 2006).

Segundo Trachtenberg e Chem (2005), a relação que os pais mantêm com o filho possui a marca da relação do casal com o meio social, sendo que podemos dizer que, no investimento dos pais no bebê, está presente a demanda do grupo pela preservação de valores e leis. Por outro lado, o bebê demanda ao grupo e aos pais o reconhecimento de pertencimento.

“A família é um grupo com características singulares e plurais, que reúne elementos de continuidade e contiguidade e incluem laços de aliança, filiação e fraternidade”.
(Ruiz Correa, 2000, p. 35)

De acordo com Gabel e Soares (2006), nos filhos pequenos, o cumprimento das expectativas se dá por meio de medidas disciplinares externas, como por exemplo, os castigos, as punições, a imposição de horários e rotinas, sendo que, nos filhos mais velhos e nos adultos, as expectativas podem ser cumpridas por compromissos de lealdade internalizados. Em relação à escolha

profissional, observa-se que em algumas famílias há o compromisso internalizado de seguir, por exemplo, os negócios do pai. O não cumprimento destas expectativas familiares leva o membro da família a um sentimento de culpa. A partir do momento em que é internalizada, a lealdade passa a ser não só uma característica grupal, como também uma atitude individual, que vai além da identificação com o grupo.

Desta forma, os pais podem desejar que os filhos sigam a mesma profissão que eles, ou de algum de seus antecedentes, ou realizem um sonho profissional que não conseguiram realizar. O filho pode se tornar depositário das aspirações que os pais não alcançaram, sendo responsável por atuar numa profissão que, por algum motivo, eles não seguiram. O adolescente pode, então, se sentir culpado por não estar acatando o projeto que os pais idealizaram para ele, sendo impedido de construir seu próprio caminho. Segundo Chemin (2006), nesta situação, o sujeito pode se constituir tanto como culpado quanto como devedor. Devedor de seus ancestrais, em dívida com seus antepassados mortos, devedor de uma dívida impossível de ser paga e que se subjetivará como culpa. Para a autora, a discordância de um dos membros da família gera sentimento de angústia no grupo, que pune o membro discordante com isolamento e solidão e, por outro lado, a concordância e adequação aos ideais do grupo geram sentimentos de satisfação e plenitude narcísica.

De acordo com Teixeira e Hashimoto (2005), faz-se necessário compreender que algo foge ao controle do próprio sujeito, pois ele é constituído pelo e no desejo do outro, ou seja, daquele que o precede. Desta forma, o sujeito se mantém herdeiro dos sonhos insatisfeitos, dos recalcamientos e das renúncias que passam por intermédio dos discursos, das fantasias e da própria história familiar.

A escolha de uma profissão pode estar a serviço de uma tentativa de reparar, de “consertar” algo que se encontra mal elaborado dentro do sujeito, ou ainda, a escolha pode surgir como significante de um conflito grupal, numa tentativa de representar tais conteúdos e apresentar uma possível solução. Imagina-se que ao adquirir aqueles conhecimentos ou desempenhar determinada ocupação, a pessoa possa se livrar das sensações interiores dolorosas (Dias, 1995).

O herdado apóia-se em diferentes vias de transmissão, como o discurso familiar, a identificação e a trama fantasmática (Piva, 2006). A identidade do sujeito se constitui a partir deste legado familiar que define o lugar que ele assumirá na família.

De acordo com Magalhães e Féres-Carneiro (2007), o mecanismo de identificação constitui a base do processo de transmissão psíquica. A comunicação de conteúdos inconscientes familiares acontece por intermédio das identificações familiares, a partir das relações mais significativas da vida do sujeito. Os legados familiares nos fazem refletir sobre o que herdamos do outro, o que recebemos e transmitimos, a bagagem que nos constitui, que foi transmitida na cadeia de gerações.

Para Falcke e Wagner (2005), é comum a atribuição precoce de mandatos em gerações sucessivas de uma família e a importância familiar, dada a esta atribuição, irá determinar o poder e o quanto este mandato passará a fazer parte do modo de viver do sujeito. Sabe-se que a frustração da expectativa familiar, ou seja, a recusa de cumprir determinado papel ou função, poderá gerar sentimentos de abandono e solidão.

De acordo com André-Fustier e Aubertel (1998), a tarefa da família é de perpetuação, na medida em que a mesma deve prolongar-se além da morte dos indivíduos, deve conservar-se idêntica a si mesma e deve procurar, permanentemente, o equilíbrio do grupo nuclear e a estabilidade da identidade familiar. Cada sujeito é um indivíduo com seu mundo interno, seu próprio psiquismo, mas está incluído em um conjunto familiar e social, que define seu lugar de indivíduo e que forma uma parte de sua identidade. O contrato narcísico corresponde às expectativas que a criança terá de preencher em troca do investimento, do qual será objeto, pela família. Ela terá a missão de perpetuar a cadeia de geração e de assegurar a identidade familiar, devendo retomar e transmitir os enunciados históricos e familiares, às vezes, mesmo quando tais enunciados estão em contradição com suas próprias percepções internas e externas.

O impacto das questões transgeracionais ocorre, principalmente, em momentos específicos do percurso familiar, ao longo do tempo. Há momentos do ciclo vital nos quais o sujeito se depara de forma mais direta com as questões da

sua família de origem. Geralmente, períodos de crise podem levar a uma estagnação ou serem impulsionadores de mudanças evolutivas (Falcke e Wagner, 2005).

Para Carter e McGoldrick (1995), o estresse familiar é, geralmente, maior nos pontos de mudança de um estágio para outro no processo desenvolvimental familiar. As autoras utilizam o termo ciclo de vida familiar para definir as etapas evolutivas pelas quais as famílias passam, usando como base o tempo e as novas condutas necessárias nos próximos períodos de desenvolvimento. Elas falam em estressores verticais e horizontais. Os estressores verticais incluem padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família, onde estão presentes todas as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares. Já, os estressores horizontais incluem a ansiedade gerada pelas mudanças e transições do ciclo de vida conforme a família avança no tempo, incluindo os estresses desenvolvimentais predizíveis e os imprevisíveis. As autoras pontuam que, quando o estresse horizontal (desenvolvimental) faz uma inserção com o vertical (transgeracional), há um aumento importante de ansiedade no sistema.

Podemos refletir sobre o momento do ciclo de vida em que o adolescente se encontra. A escolha profissional é a “porta de entrada” para o mundo adulto, gerando angústia e questionamentos. Neste período, os adolescentes desejam mais liberdade e experiências fora do lar, trazendo questões e dúvidas com relação à ordem e às regras estabelecidas pela família. Já os pais, repensam o que realizaram até o momento e questionam sua própria vida profissional. Esta transição do ciclo de vida gera estresse e mobiliza toda família.

A família é a matriz da identidade e cada uma estabelece um conjunto de exigências funcionais que organiza a forma pela qual seus membros interagem. Como já foi apontado, antes mesmo de a criança nascer, são depositadas diversas expectativas com relação ao seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ela é lançada num meio familiar no qual se identifica, se estrutura, se constitui e se constrói como sujeito, além disso, já tem um lugar na vida psíquica de sua família.

Quando chega a adolescência, pensar na escolha da profissão é resgatar e conhecer as expectativas de diversas gerações familiares. A valorização ou

desvalorização de certas profissões, escutada desde a infância, vai influenciar no momento da escolha profissional. Então, é inevitável que o adolescente procure escolher uma profissão que esteja relacionada com os valores da família, pois desde pequeno foram internalizados os princípios do meio em que ele vive (Filomeno, 2005).

Segundo Andrade (1997), é no seio familiar que são estabelecidos os eixos da estruturação da personalidade ocupacional do indivíduo. É nele que se estruturam as bases dos conceitos e dos principais aspectos que nortearão as relações do indivíduo com o mundo do trabalho, durante toda a vida. Em sua maioria, essa influência da ideologia familiar sobre os valores e conceitos ocupacionais é indireta e não explícita. No grupo familiar, com seus mitos e conflitos internos, as identificações ocorrem com o grupo em sua totalidade, com os seus sistemas de valores, com os indivíduos que os constituem e com o papel e *status* do indivíduo no grupo. O que mais importa não é apenas o grupo ao qual o indivíduo pertence, mas o papel que o indivíduo desempenha dentro dele.

Sabe-se que o que foi legado a um sujeito influencia de forma poderosa toda sua vida. À medida que as pessoas nascem dentro de uma determinada família, ocupam um lugar e recebem expectativas que as levam a dar cumprimento a determinados “mandatos”. Para Dias (1995), o tipo de escolha profissional pode estar, muitas vezes, visando reparar vivências dolorosas anteriores que permaneceram no psiquismo do sujeito. Os processos vividos no universo familiar se relacionam e condicionam o tipo de escolha profissional realizada por um de seus membros e ela pode configurar-se como um sintoma produzido no grupo familiar, expresso nas dúvidas e certezas do membro que está diante da escolha.

De acordo com Nascimento (1995), diversos fatores influenciam na escolha profissional, dentre eles, a questão do *status* social que a profissão permite atingir, características de personalidade daquele que escolhe, as identificações anteriores realizadas em seu meio social e afetivo, seu ideal de ego, seu superego e o próprio ego e suas defesas. No entanto, percebe-se que quando alguém escolhe uma carreira, alguns aspectos que o mobilizam em determinado caminho podem estar claros e transparentes, porém, ainda fica muito obscuro o processo que realizou para chegar a tal escolha. Isso acontece, pois, neste processo, também ocorrem fantasias inconscientes.

Para a autora, na atividade profissional, o sujeito vai estar repetindo o seu modelo mais fundamental, semelhante ao modelo com que em sua infância estabeleceu as suas relações objetais. Observa-se, através da profissão, como se manifestam os seus objetos (perseguidores, danificados ou passíveis de restauração) e quais as defesas que o sujeito utiliza para lidar com os objetos que lhe causam angústia. Por outro lado, quanto mais madura for a pessoa, quanto menos ameaçada ela for por seus objetos internos e for capaz de tolerar a ambivalência e a culpa, mais a escolha profissional será saudável e madura. São pessoas que, provavelmente, terão uma adaptação mais tranqüila às atividades da profissão escolhida e que na sua relação com o trabalho estarão mais livres para criar.

Não se pode pensar que os profissionais que escolhem “aliviar o sofrimento dos outros”, através de atividades como a medicina, a psicologia ou o serviço social, etc., estejam reparando e restaurando mais os objetos danificados de seu psiquismo do que, por exemplo, um professor de matemática. Os primeiros podem estar exercendo a reparação através de sua atividade de um modo onipotente e triunfante, enquanto que o professor de matemática pode estar ajudando crianças a “resolver problemas”. Então, não é possível responder facilmente à questão referente ao porquê de o sujeito escolher a marinha ou a aeronáutica, sem compreender qual o significado que essas atividades têm para ele, além da compreensão do que representam o mar, o ar, o navio e o avião para este sujeito.

É difícil compreender o que levou o indivíduo a realizar determinada escolha profissional e qual o significado que essa atividade tem, sem refletir sobre aspectos de sua formação enquanto sujeito, a herança geracional recebida e os legados que precisa cumprir em sua família.

De acordo com Lucchiari (1997), as profissões se transmitem “de pai para filho”, desde os tempos passados até os dias atuais, onde há famílias nas quais seus membros seguem a mesma profissão, após muitas gerações, formando uma “herança profissional”. A escolha do sujeito se inscreve numa descendência familiar, onde o passado vivido pela família é parte fundamental na construção das representações que o adolescente faz de si mesmo e de suas aptidões para ter

sucesso numa determinada profissão, assim como, o valor que ele dá para certas profissões.

A autora pontua que, quando o filho nasce, ele deve ocupar um lugar na filiação que, às vezes, pode incluir a expectativa de que ele venha a seguir uma determinada atividade profissional. As identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões recebem, neste grupo, influenciam o adolescente. A escolha profissional é influenciada pela representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos pais, a relação destes com o trabalho, e pela forma como o filho identifica as atividades profissionais familiares. Ela está ligada às profissões das gerações anteriores e aos papéis desempenhados pelo adolescente na dinâmica familiar.

Não se pode negar a idéia de que o sujeito - seu psiquismo e sua história de vida - encontra-se influenciado por conteúdos do seu passado, vindos de gerações anteriores e o quanto está preso numa teia de significações transgeracionais inconscientes. Segundo Castro e Waideman (2005), os valores e padrões transmitidos pelas famílias de origem estão presentes em todos os momentos da vida do sujeito, inclusive nos momentos de crise, sendo a experiência criativa do novo que irá construir a nova cultura familiar. Os conflitos emergem e intensificam as trocas intergeracionais, aquecendo os diálogos. Desta forma, a superação da crise, dependerá da maior ou menor dificuldade da família para interagir.

Como foi discutido, anteriormente, o sujeito ocupa um lugar na teia geracional, sendo este determinado antes mesmo do seu nascimento e inscrito nas relações grupais pré-existentes. Segundo Pereira de Mello (2005), o grupo familiar é o espaço originário da intersubjetividade, antecede o sujeito singular e permanece estruturado por uma lei constitutiva. Os enunciados referentes às proibições fundamentais, as relações de desejo que estruturarão os vínculos, as identificações e o complexo edípico são apresentados neste conjunto intersubjetivo. Desta forma, o discurso dos pais é de grande importância na constituição do sujeito.

Filomeno (2005) acredita que todo ser humano possui uma missão familiar a cumprir, explícita ou implícita, grande ou pequena, possível ou impossível. Assim, o que foi legado a um indivíduo influencia de maneira poderosa toda a sua vida. À

medida que as pessoas nascem, ocupam determinado lugar e são investidas de expectativas que dão início ao cumprimento dos mandatos. Cada membro da família encontra-se subordinado às expectativas que vai cumprir, ampliar ou, de alguma forma, reagir a elas.

4

Método

4.1.

Abordagem Metodológica

O interesse científico desta pesquisa é proporcionar uma visão geral e aproximativa da influência da família na escolha profissional do adolescente, investigando aspectos da transmissão psíquica. Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha-se com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Com a finalidade de conhecer a vivência de um grupo social específico, optou-se pela utilização de entrevistas abertas para obtenção do conteúdo discursivo. Os participantes puderam expressar suas vivências, desejos, valores e crenças a partir dos relatos daquilo que sentem e pensam.

Adotou-se o método MEDS (Método de Explicitação do Discurso Subjacente) para elaboração e análise das entrevistas. Neste método, desenvolvido por Nicolaci-da-Costa (2007), o pesquisador ouve detalhadamente aquilo que, em contextos naturais e da forma mais livre possível, os entrevistados têm a dizer. A intenção é trazer à tona transformações e conflitos psicológicos que, muitas vezes, não são verbalizados explicitamente pelos entrevistados, porque, deles, eles próprios não têm consciência. O que se pretende obter é o sentido subjacente à fala do entrevistado.

Utiliza-se um roteiro livre, que é construído a priori, nas entrevistas-piloto. Este consta de itens a partir dos quais são geradas perguntas, durante as próprias entrevistas. Os itens devem gerar perguntas abertas, que comportem qualquer tipo

de resposta. O MEDS propõe um roteiro invisível que deve ser aplicado de forma flexível para respeitar o fluxo de associações do entrevistado. O objetivo primordial do método é ouvir tudo o que o participante tem a dizer sobre o tema pesquisado, de forma livre e espontânea, tendo acesso a sua opinião, sentimentos, experiência e desejos.

4.2.

Participantes

4.2.1.

Critérios para participação

Os critérios escolhidos para a seleção das famílias participantes do estudo foram: o adolescente ter contato com pai e mãe; estar cursando o 2º ano ou 3º ano do ensino médio; a família residir na cidade de Niterói e pertencer às camadas médias ou médias-alta da população.

O primeiro critério, relativo ao contato do adolescente com os pais, deve-se ao fato de o objetivo da pesquisa focar na influência da família na escolha profissional do adolescente. Desta forma, é importante que este adolescente mantenha contato com os pais, pois a intenção é investigar o que aparece no discurso dos pais e dos adolescentes em relação à profissionalização, suas contradições e semelhanças.

O segundo critério refere-se ao período de escolarização do adolescente. A decisão por essa característica deve-se ao fato de os adolescentes, nessa faixa escolar, estarem próximos do vestibular, pensando e se questionando sobre a escolha profissional.

O terceiro e o quarto critério foram escolhidos, tendo em vista a população que a pesquisadora atende em orientação profissional e à necessidade de se homogeneizar o grupo a ser estudado.

4.2.2.

Características das famílias participantes

Foram entrevistadas duas famílias (pai, mãe e adolescente). Os nomes reais dos participantes foram mantidos em sigilo e optou-se por utilizar F1 para família 1 e P1, M1 e A1, respectivamente, para o pai, a mãe e o adolescente da família 1 e assim, por diante, na família 2.

Família 1 (F1)	Adolescente (A1)	Mãe (M1)	Pai (P1)
Idade	17 anos	47 anos	48 anos
Graduação	3º ano do Ensino Médio	Administração e Ciências Atuariais	Direito
Atividade atual	Estudante	Administradora de uma Confeção de Moda	Procurador Federal

Família 2 (F2)	Adolescente (A2)	Mãe (M2)	Pai (P2)
Idade	17 anos	53 anos	55 anos
Graduação	3º ano do Ensino Médio	Medicina	Medicina
Atividade atual	Estudante	Pediatra e Médica de Família	Pediatra e Clínico Geral

Nas duas famílias, os pais eram casados e moravam juntos. Na primeira família, a adolescente tinha uma irmã, mais velha, de 21 anos e estudante de Direito. Na família 2, o adolescente tinha dois irmãos mais velhos: uma irmã de 27 anos e dentista e um irmão de 25 anos, que estava terminando a faculdade de Medicina. Ambos os adolescentes estudavam em colégio particular, na cidade de Niterói.

Para uma maior compreensão das análises, segue uma breve apresentação do percurso profissional dos membros das famílias participantes.

Família 1

M1 é dona de uma confecção de moda, junto com duas irmãs e mais uma sócia, que não é da família. Fez faculdade de administração de empresas e depois de ciências atuariais, tendo atuado na área durante alguns anos, inclusive em cargos de gerência. Num determinado momento, depois de 26 anos de trabalho, foi demitida de uma empresa e ficou desempregada. Então, passou a estudar para concursos, fez velas com o marido para vender e, depois, teve a idéia de se reunir com as irmãs para montar uma confecção. Uma das irmãs já trabalhava em uma fábrica de roupas e tinha o conhecimento da área, o que facilitou o início deste investimento. Cada uma das irmãs entrou com um capital e juntas criaram a confecção, que foi crescendo no decorrer dos anos, atendendo a grandes lojas.

P1 é procurador federal. Ele queria ter feito arquitetura e tentou quatro vezes o vestibular, mas não conseguiu passar, nem para faculdade particular, devido à concorrência do curso na época. Acabou desistindo da arquitetura e passou para engenharia civil. Fez quatro anos de engenharia civil e precisou largar a faculdade, pois não conseguia mais pagá-la. Antes de fazer a faculdade de engenharia civil, P1 já havia se formado em um curso técnico de construção civil. Houve um aumento no salário dos advogados, na empresa onde ele trabalhava, e ele já conhecia o trabalho que era desenvolvido por lá, então, resolveu fazer o curso de direito. Prestou concursos internos e conseguiu crescer em termos profissionais na empresa.

Ia1 é estudante de Direito e sempre teve certeza desta escolha.

Família 2

M2 é médica pediatra. Atualmente, atua como médica de família. Seu pai era dentista e, depois, se formou em medicina. O sonho dele era ter um filho que seguisse a área médica e M2, por ser a filha mais velha, sentia-se no compromisso de realizar este sonho.

P2 é médico pediatra e pós-graduado em homeopatia. Desde pequeno já se interessava pela medicina. Atua profissionalmente em mais de uma cidade e está muito satisfeito com a profissão escolhida.

Ia2 é dentista. Não passou no vestibular para medicina e acabou optando por odontologia. Atualmente, trabalha em consultórios.

Io2 está se formando em Medicina. Passou no segundo vestibular para uma universidade particular. Segundo os pais, ele se identifica bastante com o curso. Atualmente, faz estágios em diversos lugares que foram indicados pelos pais.

A2 é um filho temporão, que não foi planejado. O pai, em seu discurso, fala que ele é o “filho-neto” e bastante mimado.

4.3.

Instrumentos

A entrevista, procedimento usual no trabalho de campo em pesquisa social, foi um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados. Optou-se por utilizá-la da forma mais informal possível com a intenção de obter relatos mais profundos dos participantes. As entrevistas foram realizadas em locais e horários escolhidos pelos participantes: os membros de uma família optaram por ser entrevistados em sua própria residência. Já, os membros da outra família participante escolheram o consultório da pesquisadora.

Vale ressaltar que cada membro da família (pai, mãe e adolescente) foi entrevistado separadamente, para que um não ouvisse o relato do outro, buscando evitar influências.

Elaborou-se um roteiro de entrevista a partir da revisão da literatura. Este roteiro teve como função apenas guiar o entrevistador para que todas as áreas referentes ao tema fossem enfocadas, mas permitindo que os depoimentos pudessem ser os mais ricos e esclarecedores possíveis. Os itens não foram lidos e somente geraram perguntas abertas, permitindo a maior liberdade possível das respostas e preservando, assim, a espontaneidade, a naturalidade e a informalidade das entrevistas. Segundo Nicolaci-da-Costa (1989), a entrevista tem uma “estruturação invisível”, pois é altamente estruturada em termos de tópicos a serem abordados, porém, estes tópicos podem emergir em qualquer ordem, preservando o fluxo da conversa cotidiana. As perguntas são colocadas ao entrevistado somente no caso deste não abordar espontaneamente os tópicos a elas vinculados.

O roteiro (anexo I) utilizado na entrevista com o adolescente abordava questões relativas à sua escolha profissional, dentre elas, o fato de já ter pensado ou não nesta escolha; o nível de conhecimento em relação às profissões existentes; a influência (ou não) recebida da família; o que considera mais importante na escolha profissional e que percepção tem em relação à profissão dos pais. Já, o roteiro utilizado nas entrevistas com os pais abordava, dentre várias questões, os desejos em relação à escolha profissional do (a) filho (a); o que acreditam que deve ser levado em consideração ao realizar esta escolha; como foi o momento em que eles precisaram escolher; as influências recebidas e o nível de satisfação profissional.

Não havia um tempo padronizado para a duração das entrevistas, que durou em média de 30 minutos a 59 minutos. O conteúdo das entrevistas foi gravado em gravador de mp3 para posterior transcrição e análise.

Além das entrevistas, foi utilizado outro instrumento, uma ficha de dados sociodemográficos (anexo II), onde foram anotados a idade, a profissão e o nível de escolaridade do adolescente, do pai, da mãe e dos irmãos, com a intenção de complementar os dados da pesquisa.

4.4.

Procedimentos

Os depoimentos foram coletados mediante gravação autorizada, após a assinatura do termo de consentimento (anexo III), e transcritos de forma integral e detalhada. Nas transcrições, foram preservadas várias das características das falas originais, tais como, expressões coloquiais, erros de concordância, ênfases, etc.

5

Análise e discussão dos resultados

Foram realizadas análises relacionando os discursos entre os membros da família (pai, mãe e adolescente) e, depois, optou-se por selecionar aquilo que foi mais freqüente nas diferentes falas dos adolescentes e dos pais. Esses conteúdos foram agrupados e formaram as três categorias de análise a seguir: percepções sobre a escolha profissional - visão dos filhos e dos pais; transmissão geracional na escolha da profissão e valorização das profissões tradicionais. A intenção foi identificar recorrências e contradições nos discursos dos entrevistados.

1. Percepções sobre a escolha profissional - visão dos filhos e dos pais

Na análise desta categoria, foram destacadas cinco subcategorias, uma referente às falas dos adolescentes (subcategoria a), outra referente às falas dos pais (subcategoria b) e três referentes às falas dos pais e filhos (subcategorias c, d, e).

a. Dificuldades na escolha profissional

Tanto A1 quanto A2 encontravam-se confusos em relação à escolha profissional e pontuaram o fato de só terem começado a pensar nesta escolha no 3º ano do ensino médio, como pode ser observado nos seguintes discursos:

“... eu comecei a pensar na verdade há pouco tempo... mesmo estando em cima do vestibular... comecei a pensar no 3º ano... porque até então eu não pensava, não tinha caído a ficha..” (A1, 17 anos).

“...eu já falei que eu queria ser arqueóloga, veterinária, nutricionista... mas agora estou ligada mais para alguma coisa manual, com criatividade, que são coisas que eu gosto desde criança e que eu vejo que tem em mim no dia a dia, então, alguma coisa ligada à moda, criatividade...” (A1, 17 anos).

“Comecei a pensar no ensino médio mesmo, pela pressão da escola mesmo” (A2, 17 anos).

“Já passou pela minha cabeça medicina e medicina veterinária, pois desde criança eu já gostava de mexer com bicho e tal, mas aí eu vi que mexer com bicho é diferente, você ver o bicho ali, você tratar dele e você mexer como se fosse pra brincar mesmo, por lazer...” (A2, 17 anos).

Segundo Lucchiari (1993), na passagem da adolescência para a vida adulta, existe a necessidade de optar por uma profissão, o que gera, muitas vezes, dúvida e insegurança, devido ao despreparo em que o adolescente se encontra.

A explicação dos adolescentes entrevistados do porquê da escolha de tais profissões era vaga e baseada nas vivências e na proximidade com o assunto. Eles demonstraram ter pouco conhecimento sobre a graduação referente às profissões citadas.

Para Filomeno (2005), o adolescente pode escolher uma profissão pela proximidade, por ter um conhecimento maior de tal área, por fazer parte do seu cotidiano e, desta forma, acabar pensando de que gosta da mesma, não procurando obter maiores informações sobre o curso e também sobre as outras possibilidades de escolha. Acaba havendo um desconhecimento sobre as graduações existentes e o mercado de trabalho.

Seguem os relatos das explicações dos adolescentes em relação a suas possíveis escolhas profissionais:

“Assim, arqueóloga, mais por eu ser curiosa com as coisas do passado, gostar de ver programas de televisão relacionados a estas coisas. A questão de ser nutricionista foi mais por causa da minha tia, que era nutricionista e eu ouvia ela ficar falando... e eu sempre fui de ficar vendo validade das coisas... E, da

veterinária, foi aquela coisa de criança, de gostar de bichos, mas não tem nada a ver comigo...”(A1, 17 anos).

“...optei por estes cursos por me relacionar bem com pessoas e tal, gostar de cuidar de pessoas, de animais, e claro por influência dos meus pais também, pois os dois são médicos” (A2, 17 anos).

Ambos falaram sobre o desconhecimento em relação ao mercado de trabalho e as diversas profissões existentes.

“Na verdade, eu não conheço praticamente nada... (risos) Porque existem milhares de profissões que você nunca nem ouviu falar, faz nem idéia se vai servir pra aquela profissão e que você pode gostar ou não... Você se vê perdido, porque tem muitas opções pra você escolher, e você só vai poder escolher uma de todas elas... é bem complicado” (A1, 17 anos).

“Realmente, não conheço muito não... das que eu conheço a melhor pra mim é a medicina, que eu vou ter que, lógico, vou ter que estudar bastante e tal, mas é a que eu mais me identifico. Por esta relação com pessoas... pra mim é a melhor” (A2, 17 anos).

Em seu relato, A1 pontuou a dificuldade de escolher só uma profissão e ter que deixar de lado todas as outras profissões que não foram escolhidas, precisando conviver com o luto pela não escolha das outras ocupações, que são igualmente interessantes. Filomeno (2005) relata que todo ato de escolher implica perdas, pois escolhem-se determinadas profissões em detrimento de outras. Para Teixeira e Hashimoto (2005), o adolescente pode não conseguir se decidir entre muitas ocupações, pois escolher somente uma, é deixar de viver todas as outras possibilidades.

A1 se queixou da dificuldade de escolher uma profissão tão jovem e conseguir refletir em relação ao seu futuro profissional. Além disso, há uma idéia de que a escolha da profissão é uma escolha para o resto da vida, não passível de mudança. Levenfus e Nunes (2002) observaram, em seus estudos, que os adolescentes fazem muitas referências a medos que são despertados pela situação

de escolha profissional, tais como, o medo de errar na escolha e ser infeliz ou de ter que mudar de curso.

A2 também relatou a dificuldade de escolher a profissão aos 17 anos e a pressão que recebe da família. Durante a entrevista, ele ria bastante, demonstrando certo nervosismo ao falar sobre algumas questões.

“... porque não tem como você saber... hoje, eu com 17 anos, o que eu quero fazer daqui a uns 40 anos. Impossível saber quais serão os meus gostos em tal idade... não tem como saber o que você vai querer, o que você vai estar pensando, então, é uma escolha que eu vou ter que fazer aqui, nesta idade, com 17 anos, pro resto da minha vida...” (A1, 17 anos).

“É difícil escolher, (risos) muito difícil, muita pressão dos pais, qualquer lugar que você vai alguém pergunta: Vai fazer o que? Qualquer coisa... avó, a família toda, a empregada, (risos) todo mundo pergunta: O que você vai fazer no vestibular? E você não sabe, tem que escolher de qualquer jeito, é difícil, muito difícil” (A2, 17 anos).

De acordo com Lucchiari (1993), neste momento de escolha profissional, as expectativas e os desejos da família vão aparecendo de forma mais clara e o adolescente pode ficar confuso, pois precisa diferenciá-los de seus próprios desejos.

Ambos relataram que grande parte dos seus colegas estão “perdidos” e não sabem por qual profissão optar. A1 utiliza a palavra “também” ao se referir que os amigos estão “perdidos”, demonstrando a sua insegurança em relação a esta escolha.

“... eles também estão perdidos... têm aqueles que já sabem desde criança o que vão fazer, né? Mas assim, eu acho que a maioria se encontra na dúvida também, pelo menos duas faculdades que eles gostam ou que a família quer que faça...”(A1, 17 anos).

“A maioria está decidindo, está no mesmo barco que eu, já decidi, mas não sabe o certo, está meio decidido (risos), e tem outros que estão completamente voados,

não sabem o que vão fazer, não sabem nem quantas profissões existem, não sabem do que gostam e tal, mas eu acho que não é um problema da pessoa, mas de não saber mesmo, de não saber do que gostam” (A2, 17 anos).

b. Preocupação com a escolha profissional dos filhos

Os pais de A1 demonstraram uma preocupação com a demora da filha em pensar sobre sua escolha profissional. P1 pontuou sobre o incentivo que deu a A1 em relação às questões de arte e de decoração e o fato de ela acompanhá-lo nos trabalhos manuais, por ele ter um grande interesse nesta área.

“... A1, em especial, ela me preocupa um pouco, porque eu vejo ela completamente perdida na escolha profissional. Eu não vejo interesse... a pessoa quando ela tem interesse, ela lê, procura saber o que você faz, o que os pais fazem... Mas, ela nunca externou nenhuma vontade absoluta de nada, nada, nada. Ela é completamente esquecida, então, isso me causava uma angústia muito grande.” (M1, 47 anos).

“O que eu a incentivava muito era nas questões de arte, de decoração. Como eu também sou muito voltado para trabalhos manuais, ela me acompanhava. Então, eu fazia as coisinhas e ela sempre me ajudando e a gente ia se divertindo e brincando” (P1, 48 anos).

Já, M2 gostaria que o filho escolhesse medicina, para poder ajudá-lo na hora de procurar um emprego. Relatou, também, a dificuldade que tem para ajudar a filha mais velha, que escolheu uma profissão diferente da medicina.

“Eu gostaria que ele escolhesse medicina pela facilidade que ele teria da gente ajudar. Porque, hoje em dia, o campo está difícil, até em outras áreas eu acho muito mais difícil da gente ajudar... e escolhendo medicina, ele teria mais possibilidade da nossa ajuda pra iniciar a carreira, só por isso. Não porque tem que ser medicina, porque é a melhor profissão do mundo, nada disso, é só porque é uma questão da gente poder ajudar ele. Porque eu tenho outra filha que escolheu outra profissão e a gente não consegue ajudar, apesar de ser da área de

saúde, a gente não consegue colocar ela numa situação estabilizada” (M2, 53 anos).

Assim como foi discutido por Soares (2002), pode-se perceber que a família, ao incentivar, desde criança, certos comportamentos e atitudes e reprimir outras manifestações, já começa a interferir no processo de apreensão da realidade, determinando em parte seus interesses. As expectativas em relação ao futuro profissional estão carregadas de afetos, emoções, medos e inseguranças que são tanto do adolescente quanto de seus familiares mais próximos. Sendo assim, os processos afetivos vividos no núcleo familiar acabam condicionando o tipo de escolha profissional realizado por um dos membros da família.

c. Desvalorização de determinadas profissões

De acordo com Filomeno (2005), o adolescente pode estabelecer conceitos, valores e preconceitos sobre determinadas profissões, baseado no que escuta e vê dentro de casa.

No decorrer da entrevista, A1 demonstrou um preconceito em relação ao curso de moda, dizendo que este não é uma graduação para ser feita como primeira opção e sim como segunda opção. Esta visão parece ser influenciada pelo fato de nenhuma das donas da confecção de sua mãe ter nível superior em moda.

“eu não queria fazer moda como uma primeira faculdade, até porque eu tenho outras faculdades que eu posso no final ligar à moda... fazer uma especialização em moda, que não é um campo que eu preciso fazer realmente uma faculdade especializada nisso, eu posso seguir no final de uma outra faculdade...” (A1, 17 anos).

“por exemplo, eu poderia fazer uma faculdade de arquitetura e no final seguir para um ramo da moda. Eu falo isso porque minha família tem uma confecção. Então, eu sei que lá tem quatro donas e nenhuma delas fizeram moda. Então, assim, dá pra eu ver que não há necessidade de eu fazer uma faculdade de moda, para eu trabalhar com moda”. (A1, 17 anos).

Ao ser questionada sobre o porquê da moda ser uma segunda opção de faculdade, A1 não soube responder. E, pontuou o seu desconhecimento em relação às áreas de trabalho dentro deste campo profissional.

“Porque na verdade eu não sei... eu botei isso na minha cabeça, que eu não gostaria que fosse a primeira... porque eu acho que é um campo muito instável... eu não sei com o que trabalhar na moda... eu não tenho total conhecimento das áreas em que eu posso atuar dentro dela” (A1, 17 anos).

Já, o pai de A2 deseja que o filho escolha a medicina e, em seu discurso, desvaloriza a outra opção do adolescente, que é a medicina veterinária.

“Bom, ele quer fazer a área biomédica, eu não sei se por influência da gente né? Mas ele queria fazer veterinária... Eu sou muito objetivo em termos de realização profissional. Eu acho que se você puder ser médico, não vai ser veterinário, né? Eu imagino assim, (risos)” (P2, 55anos).

“Você vai imaginar: o cara é feliz sendo veterinário? Se você me mostrar um universo grande de pessoas que são felizes sendo veterinário, que tem uma realização profissional boa, que tenha poder aquisitivo, que você possa correr atrás de alguma coisa ,isso é complicado hoje em dia... E já que gosta da área biomédica, gosta de tratar de seres vivos, porque não ser médico? Faz um sacrifício um pouco mais, né? Tem a questão financeira também, né?” (P2, 55anos).

P2 valoriza a medicina e desvaloriza a profissão da filha, comentando que o dentista nada mais é que um bom artesão. Ressaltando que a medicina é uma profissão mais técnica.

“A medicina é uma especialidade, é uma profissão extremamente técnica, você tem que ter conhecimento de causa pra fazer alguma coisa, diferente um pouco da odontologia, lógico dependendo da especialidade que você fizer, mas o clínico o cara que vai lá e faz o tratamento do dentinho, ele nada mais é que um bom

artesão. Se ele tiver uma mão boa, ele vai fazer um bom trabalho, dominou aquilo ali, não tem muito mistério” (P2, 55anos).

Muitas vezes, a estrutura familiar pode criar impedimentos à livre escolha, tanto de forma explícita, quando os pais falam do desejo de que o filho siga uma determinada profissão, ou de maneira mais sutil, através de opiniões expressas pelos pais sobre algumas profissões e carreiras, como nos relatos acima. Pode ser, também, uma influência indireta e implícita, onde o sujeito vai-se construindo dentro de um núcleo familiar com conceitos sobre determinadas profissões.

d. Fatores importantes ao optar por uma profissão

Soares (2002) apresenta vários fatores que interferem no momento da escolha profissional, dentre eles, fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Dentro das possibilidades existentes, o adolescente opta por uma profissão baseado naquilo que ele considera mais relevante e que deve ser levado em consideração nesta escolha. As opiniões familiares também são importantes e exercem influência na seleção destes fatores.

A1 acredita que os pais consideram o fato de gostar da profissão e o retorno financeiro, como sendo os dois fatores mais importantes na escolha do curso de nível superior.

“... gostar do que eu irei fazer, eu me sentir bem fazendo, eu acho que é isso que eles acham mais importante. Não que eles se preocupem com... eles se preocupam sim com o dinheiro, como eu vou sobreviver... eles não querem que eu passe dificuldades, escolhendo uma profissão que não tem campo de trabalho ou que receba muito pouco. Eles se preocupam sim, mas não falam tanto” (A1, 17 anos).

A2 comentou sobre o fato de a mãe valorizar muito o retorno financeiro. Já sobre o pai, disse não saber o que ele considera mais importante na escolha da profissão.

“...mas minha mãe com certeza falaria ter dinheiro, minha mãe com certeza falaria do lado financeiro, agora meu pai, eu acho que eu não sei não, eu acho que ele falaria pra eu escolher: Escolhe aí!” (A2, 17 anos).

Para A1, o mais importante é ela gostar da profissão escolhida. Desta forma, o discurso da adolescente é baseado no seu desejo.

“Pra mim... é eu gostar do que vou fazer. Porque eu, sinceramente, quando eu penso numa coisa, eu não penso no dinheiro. Nunca nem pensei... qualquer das opções que eu tive de profissão, nunca vi quanto que ganha, quanto que vai ser o retorno financeiro. Claro que é importante, mas eu sinto que eu não me importo tanto com isso” (A1, 17 anos).

Segundo A2, o mais importante na escolha da profissão é conseguir unir o prazer ao retorno financeiro.

“...claro que eu gosto de ter conforto, de ter uma boa situação financeira e se isso for preciso ter dinheiro... lógico, precisa ter dinheiro pra isso. E, sendo assim, pra mim o importante é ter dinheiro, mas lógico que também trazendo o prazer de trabalhar com aquilo que eu gosto, já que eu gosto um pouco, né? Pra mim, o mais importante seria esses dois, o prazer ligado ao lado financeiro” (A2, 17 anos).

M1 citou dois fatores: a identificação com determinada matéria e as habilidades predominantes na pessoa. No entanto, parece não enxergar as habilidades de A1, que poderiam ser relacionadas ao curso de moda.

“...aquilo que você se identifica, que você tem a famosa habilidade. Pra mim, isto é um grande indicador, pode ser que eu me engane, mas eu acho que você percebe as pessoas... se você perceber, na verdade, na escola, é aquilo que tendenciava mais para aquele campo ali. A irmã de A1 escolheu Direito e ela gostava muito de história, cinema e um pouco de geografia...” (M1, 47 anos).

P1 acredita que o mais importante seja a satisfação pessoal.

“Primeiro, a sua satisfação pessoal. Porque você trabalhar naquilo que você não gosta é muito ruim. Eu, hoje, trabalho no que gosto. Embora, eu tenha horror do direito. Mas trabalho no que gosto, porque eu atuo dentro de uma área onde eu tenho afinidade. Eu trabalho com isso há 29 anos.” (P1, 48 anos).

Ao serem questionados sobre o que deve ser levado em consideração na hora de escolher uma profissão, M2 e P2 pontuaram o fato de gostar da profissão e o retorno financeiro. M2 enfatiza a importância do “ganhar dinheiro” e a possibilidade de ela ajudar os filhos que seguirem sua profissão. Vale ressaltar que M2 inicia o discurso se questionando se ainda existem a área de exatas e humanas, enaltecendo ainda mais a área biomédica, especificamente, a medicina, que é tão valorizada dentro da F2.

“Eu acho assim que você deveria escolher a área biomédica, humana ou tecnológica... eu acho que, hoje em dia, não tem mais humana e tecnológica, né? Ver para o que você gosta mais. E daí, dentro daquilo que você gosta mais, eu acho que teria que ser assim... eu não sou muito sonhadora, eu sou mais prática, eu não vou escolher uma coisa que não vai me render um lucro, porque se é profissão é pra eu ganhar minha vida, né? Então, não adianta eu ficar só sonhando” (M2, 53 anos).

“Qual a área que tem mais campo de trabalho? Eu acho que teria que ser assim, aí os pais podem ajudar. Se eu fosse engenheira e tivesse como ajudar ele a iniciar na Engenharia, tudo bem, mas como eu sou Médica, eu tenho mais chance de encaminhar ele na Medicina. Na prática é muito penoso você conseguir alguma coisa dentro de algumas profissões, né?” (M2, 53 anos).

“Um primeiro fator é gostar né? Não adianta você querer ser médico, se você não gosta de lidar com perda, se não gosta de ver sangue, se você tiver uma deficiência incapacitante, né? O segundo fator é o dinheiro. Se você conversar com todos os médicos, todos eles vão dizer que: Pô, a gente trabalha muito, a gente está sacrificando e tal”. Mas ainda é o único lugar que me dá essa opção

de ter cinco empregos. Então, eu acho que o retorno, no final das contas, vale a pena sim” (P2, 55anos).

e. Satisfação X Insatisfação profissional (dos pais)

De acordo com Bohoslavsky (1991), os valores do grupo familiar constituem bases significativas na escolha do adolescente, podendo a família atuar como grupo positivo de referência ou não. Desta forma, as satisfações ou insatisfações dos pais e de outros familiares significativos, com relação ao seu próprio trabalho, irão exercer um papel importante na percepção que o adolescente formará em relação a estas carreiras.

Andrade (1997), em seu estudo, constatou que o nível de satisfação dos pais com suas profissões exerce influência na motivação do jovem para com a sua escolha profissional.

P1 ao ser questionado sobre o que mudaria no seu percurso profissional, se tivesse a possibilidade de fazer uma nova escolha, relatou que gostaria de ser arquiteto.

“Se eu pudesse voltar no tempo, eu gostaria de ter passado para arquitetura. Eu gostaria de hoje ser um arquiteto, porque é o que eu gosto de fazer. Tanto é que a minha casa não pára um minuto (risos), numa decoração só, eu estou sempre mudando, quem muda sou eu! Minha mulher chega e eu já mudei tudo!” (P1, 48 anos).

“No futuro, se eu pudesse, eu vou ainda entrar para uma carreira de arquitetura e fazer a minha arquitetura, de hobby, aí vai ser hobby mesmo. Não a engenharia civil não, eu vou fazer a arquitetura, porque é mais a minha cara, é mais a minha praia, entendeu?” (P1, 48 anos).

Em alguns momentos, M1 demonstrou uma insatisfação com a sua profissão atual.

“...mas se você perguntar se eu sou feliz, eu não tenho... quando você trabalha por conta própria, você trabalha muita coisa... você não tem noção do quanto

você trabalha... eu não tiro férias... eu tenho o meu horário flexível, mas assim... eu busco uma felicidade...” (M1, 47 anos).

“...eu ganho muito mais dinheiro do que eu ganhava antes, obviamente, mas uma felicidade... se você me perguntar de uma felicidade, como eu trabalhava e eu era... não é verdade” (M1, 47 anos).

M1 ao ser questionada sobre qual escolha faria se tivesse uma nova possibilidade, respondeu que não começaria a trabalhar com roupa.

“Não seria esta a minha opção de começar com roupa, por exemplo. Eu acho que eu faria tudo do jeito que eu fiz de novo. Como eu gostaria que as minhas filhas fizessem, começar trabalhando... infelizmente, eu não tive a oportunidade que elas estão tendo hoje, que é uma escola particular, por isso que eu fico, assim, muito chateada quando A1 não aproveita.” (M1, 47 anos).

M1 relatou que se tivesse tido a oportunidade de estudar que as filhas têm, estaria se preparando para concursos públicos e nunca teria ido para moda. Talvez, seja esta a dificuldade de aceitar A1 escolhendo a faculdade de moda, pois se ela pudesse, não atuaria nesta área e a filha tem a possibilidade de estar em qualquer outro lugar, no entanto, está optando por trabalhar na confecção.

Já, A2 percebe que os pais gostam da profissão que exercem, apesar de achar que eles estão cansados e estressados com algumas situações.

“... que eles gostam lógico, eles gostam muito de trabalhar, mas sempre se vêem muito cansados, muito estressados com algumas situações que acontecem no trabalho mesmo, mas mesmo assim eles gostam, eu acho” (A2, 17 anos).

M2 e P2 relataram que estão satisfeitos com a profissão que exercem, no entanto, M2 se queixou bastante da remuneração.

“Olha, eu gosto muito de atender, eu não gosto dessa coisa burocrática. Já, por exemplo, o P2, ele gosta da coisa burocrática, eu prefiro atender o paciente.

Agora em termos da remuneração e do nível de estresse, de responsabilidade em comparação com a remuneração é que está batendo muito, está ridículo, né? Então, o que me deixa triste é a remuneração. Mas, fora a isso, eu gosto de clinicar mesmo. Agora, a remuneração que não é tão boa...” (M2, 53 anos).

“Estou satisfeito sim. E tantas vezes eu vivesse, tantas vezes eu seria médico. Eu seria médico sempre. Não haveria outra escolha. Eu faria até arqueologia, uma paleontologia, porque eu gosto muito de ler sobre isso, eu gosto de entender todas as gerações, eu gosto de saber. Pra viver, não (risos) – Deus me livre viver disso!!” (P2, 55anos).

Ao ser questionada sobre qual profissão escolheria, caso tivesse a possibilidade de fazer uma nova escolha, M2 respondeu que optaria pela medicina novamente.

“Eu escolheria a medicina mesmo, eu estou muito satisfeita, não escolheria outra coisa, não me vejo fazendo mais nada, a não ser medicina, só como hobby fazer artesanato ou jardinagem (risos), fora isso nada, não tem nada” (M2, 53 anos).

Segundo Filomeno (2005), o sucesso, o fracasso, as dificuldades, a satisfação ou insatisfação dos pais pode contribuir para que o adolescente construa uma imagem destas profissões. Isso é visível em ambas as famílias, no decorrer das entrevistas.

2. Transmissão geracional na escolha da profissão

Através do discurso dos entrevistados, foram identificadas, nesta categoria, duas subcategorias: a preocupação com a herança dos bens profissionais e a transmissão geracional dos valores, da tradição e das habilidades profissionais.

a. Preocupação com a herança dos bens profissionais

Em relação à herança da confecção de roupas de M1, a família 1 apresenta um discurso contraditório e ambíguo, pois ao mesmo tempo em que ficariam

felizes caso a filha desse continuidade ao trabalho da mãe, se preocupam com o futuro profissional de A1, caso ela opte pela graduação em moda.

Isso aparece de forma confusa no discurso de A1, pois ao ser questionada sobre o fato de a sua mãe ter uma confecção, apresenta uma fala paradoxal, já que havia relatado, em discurso anterior, que conhecia pouco sobre a moda e, no entanto, na fala seguinte, constata que conhece bem as áreas de atuação dentro desta graduação.

“...eu nunca tinha pensado em fazer moda... mas eu vi que é uma profissão que envolve a criatividade e os trabalhos manuais, com eu tinha falado antes. E, assim, por eu conhecer, por eu estar sempre no meio, pela minha família ter a confecção, eu já conheço mais sobre esta faculdade, né...” (A1, 17 anos).

A adolescente relata a sua proximidade com o trabalho exercido pela mãe.

“... é o que eu estou mais próxima, é o que eu estou vivendo... eu tenho um conhecimento de como funciona, de como é este trabalho” (A1, 17 anos).

A1 relatou com entusiasmo sua proximidade com o campo da moda e as visitas que fazia à confecção da sua mãe, quando era menor. Era perceptível a alegria e a mudança no seu semblante, quando falava da área da moda.

“...eu gostava de estar lá no meio... eu sempre gostei de estar lá, vendo como fazia, como é que criava roupa, como é que minha tia entrava em contato com o pessoal da loja, como eles queriam as roupas, pedindo os detalhes...” (A1, 17 anos).

Parece que A1, acabou optando pela moda, pois além de estar próxima desta área de trabalho, tem a possibilidade de dar continuidade à confecção de sua mãe e, também, “dar conta” do desejo do pai de ficar próximo da arte, pois P1 não conseguiu ainda realizar seu sonho de fazer arquitetura, profissão que acredita poder reunir criatividade e trabalhos manuais.

A1 pontuou a satisfação da família em ter alguém para dar continuidade à confecção da mãe. Logo em seguida, A1 justifica que não é pelo fato de sua mãe ter uma confecção, que ela está optando pela moda.

“Eu falei da moda, eles apoiaram, falaram que ia ser legal fazer moda, pela minha família já ter um empreendimento e por eu no futuro poder dar continuidade a isso. Mas, não é por isso que eu estou querendo fazer, porque eu sei que se eu não fizer, com certeza vai ter outra pessoa pra tomar conta da empresa. Então, eu não me sinto nem um pouco influenciada por isso... mas eu acho que eles acham que a moda tem a ver comigo...” (A1, 17 anos).

O desejo de M1 de ter alguém da família para dar continuidade à confecção é passado às filhas, através de seu discurso e comportamentos. A1 está recebendo uma herança e precisa saber como lidar com ela, pois parece existir um compromisso internalizado de dar continuidade a tal trabalho.

Segundo, Gabel e Soares (2006), as expectativas podem ser cumpridas por compromissos de lealdade internalizados e, a partir do momento em que é internalizada, a lealdade passa a ser não só uma característica individual, mas também uma atitude individual.

A adolescente falou sobre o envolvimento de toda a família no trabalho que é desenvolvido na confecção da mãe.

“... a filha dela trabalha para confecção, a família toda é envolvida neste meio...” (A1, 17 anos).

“... a família toda não... assim... todo mundo ajuda na confecção. Por exemplo, quando está em época que tem que ter muita produção, aí não dá tempo, tem que virar a noite, aí todo mundo ajuda, leva pra casa, aí vai terminando a roupa...” (A1, 17 anos).

A1 ressaltou o fato de não ter uma pessoa da família para assumir os negócios da mãe, ficando reflexiva sobre o papel que ela representa ao dar continuidade à confecção.

“... por enquanto não teria, por todos os meu primos estarem começando agora a fazer uma faculdade, a fazer uma escolha, todos têm a mesma idade que eu” (A1, 17 anos).

No decorrer da entrevista, M1 demonstrou uma preocupação com a continuidade da confecção.

“... por incrível que pareça a minha sócia também não dá a mínima força para a filha dela fazer moda... Pergunto para ela: “as suas filhas pensam? Porque a gente já está meio velha e tal...” ela fala: “de se envolver aqui? Nem pensar, nem eu quero que elas se envolvam aqui!”. Então, as filhas da minha sócia nem se interessam por nada de lá. Uma é analista numa grande empresa e a outra fez direito. Estão super bem, estão encaminhadas na vida.” (M1, 47 anos).

Apesar de não incentivar que a filha faça o curso de moda como primeira opção, M1 expressa um discurso contraditório, pois em alguns momentos manifestou o interesse de que sua filha assuma o trabalho desenvolvido na confecção.

“Se A1 quiser ir trabalhar com a gente lá vai ser ótimo, ela não pode é trabalhar comigo, né? Porque a gente meio que briga, assim. Mãe e filha né?” (M1, 47 anos).

“... Mas, assim, claro que ela lá tem uma porta de entrada, a empresa já existe, né. A gente precisa de pessoas como A1 pra poder ajudar a gente lá. Está saindo uma menina que é o braço direito lá, está pedindo pra sair, porque é muita pressão, muita pressão” (M1, 47 anos).

Em determinado momento da entrevista, M1 reclamou da falta de envolvimento da irmã de A1 nos assuntos relacionados à confecção, demonstrando um interesse de que ela participasse mais do seu trabalho. Inclusive, deixou claro o desejo de que as filhas herdem o seu negócio. No

entanto, a irmã de A1 optou pelo direito, carreira do pai, restando para A1 o compromisso de seguir a carreira da mãe.

“Mas eu acho assim que a irmã de A1 tem que se interessar um pouco mais pelo meu negócio. Ela nem quer saber de nada, é igual às filhas da minha sócia. A1 já se interessa um pouco mais. Mas, a irmã dela não quer saber nada. Eu falo: e se acontece alguma coisa? Vocês que vão ter que assumir, não é? Vai deixar na mão delas?” (M1, 47 anos).

Ao mesmo tempo em que fala sobre o interesse de ter alguém da família para dar continuidade ao trabalho na confecção, M1 relata a sua preocupação em relação à filha trabalhar neste ambiente, devido ao excesso de trabalho e a agitação do dia-a-dia. Comentou sobre o grande estresse do cotidiano da fábrica.

“... porque lá é muita agitação, é grito, tem que berrar com funcionário... É uma fábrica: “Vamos, vamos, vamos a entrega está atrasada, sabe estas coisas?” e a minha irmã entrega na mão de um funcionário e quando vai ver não está pronto, ela tem que se meter... é uma loucura, gente! Eu digo que é fábrica de loucos. Então, eu fico imaginando as minhas filhas, A1, assim, tão interessada nisso, será que ela vai gostar?” (M1, 47 anos).

M1 disse ficar desesperada quando vê a filha falar que pretende fazer moda. Comentou que não fala nada, no entanto, através da transmissão, estes desejos são passados de forma implícita, por intermédio de seus comportamentos, discursos equivocados e atos-falhos. Desta forma, A1 fica cada vez mais insegura e indecisa, pois o discurso da mãe é bastante contraditório, no sentido do desejo de ela receber ou não a herança da confecção.

“Eu fico desesperada! Eu não falo nada, eu vou dar força, né? Mas, é meio desesp... mas quem sabe, ela consegue é... fazer uma ordem que a gente não está conseguindo né. Assim... neste crescimento” (M1, 47 anos).

Já na F2, M2 explicou que o seu pai tinha muito desejo de que algum filho se formasse em Medicina. Ele entrou como sócio em um hospital e o seu desejo era de que algum de seus filhos desse continuidade a este negócio.

“...porque ele inclusive estava entrando de sócio num hospital, então, ele sempre falava: Ah, porque isso aqui vai ser dos meus filhos, quem fizer Medicina! E acabou só eu mesma fazendo medicina” (M2, 53 anos).

b. A transmissão geracional dos valores, da tradição e das habilidades profissionais

A1 falou sobre o fato de a irmã ter escolhido direito e ser a profissão de seu pai. Relacionou a escolha da irmã ao fato do pai ter se graduado nesta área, além disso, pontuou que os pais ficaram felizes com a escolha da irmã.

“Esta idéia dela fazer direito tem relação com o meu pai, de estar vendo ele trabalhando, talvez por ela se interessar, por esta questão do direito, de julgar... eu acho que tem a ver com ela sim...” (A1, 17 anos).

“Ela escolheu Direito, que é a mesma profissão do meu pai, né. Ela, a vida toda, falou que ia querer fazer direito. A vida toda não, acho que quando ela era criança, ela não falava. Mas, ela já era certa de que ela iria fazer direito Eu já não sou assim, eu não quero fazer direito” (A1, 17 anos).

No relato acima, a adolescente pontua que não tem interesse em fazer direito e diferencia-se da irmã. Veremos que na entrevista do pai, ele dá grande valor ao curso de direito, achando que todos que estão perdidos em suas escolhas, deveriam fazer esta faculdade. A1 parece não se sentir culpada por não optar por este curso, pois sua irmã já fez esta opção.

A1 também falou sobre o fato de a irmã nunca ter questionado a escolha pelo curso de direito.

“Nunca questionou. Era o direito e ela fez direito. Nunca questionou” (A1, 17 anos).

Ao falar sobre a escolha profissional da irmã de A1, P1 comentou sobre o fato de ter gostado por ela ter feito a mesma opção que ele. Vale ressaltar o quanto que P1 valoriza o curso de direito. Provavelmente, esta valorização foi passada para as filhas, desde pequenas. Segundo Piva (2006), o herdado apóia-se em diferentes vias de transmissão, como por exemplo, o próprio discurso familiar. A identidade do sujeito irá se constituir a partir deste legado familiar que irá definir o lugar que ele assumirá na família.

Como ressalta Filomeno (2005), a valorização ou a desvalorização de determinadas profissões, ouvidas desde a infância, irão influenciar no momento da escolha profissional do adolescente. Ele acaba optando por uma profissão que esteja relacionada aos valores de sua família, pois desde pequeno estes ideais foram internalizados.

Segue a fala de P1 sobre o fato de a irmã de A1 ter escolhido a mesma profissão dele.

“eu adorei né! Adorei porque a gente pode conversar, a gente pode bater papo. É bacana. A gente vê que um filho segue mais ou menos a linha que você seguiu. Embora, eu não tenho orgulho em nada de ser advogado, eu tenho muito orgulho de ser quase um engenheiro, entendeu?(risos) É um pouco conflitante isto (P1, 48 anos).

P1 pontuou que não influenciou a filha a optar pelo curso de direito e tentou deixar claro que não teve nada a ver explicitamente com esta escolha, mas que ficou muito feliz por ela ter escolhido tal graduação.

“A escolha foi dela! Dela! Eu não influenciei, não influenciei em nada. Ela foi amadurecendo, amadurecendo, amadurecendo, e por fim, escolheu direito” (P1, 48 anos).

Vale ressaltar o trocadilho de P1 com a palavra direito, no sentido de que, segundo ele, depois que a filha amadureceu, ela conseguiu escolher corretamente, direito. E esta escolha é pelo curso de direito.

Ao ser pontuado sobre o fato de a irmã de A1 ter feito a mesma graduação que o pai, M1 disse que as duas são muito parecidas com o pai, mas que a irmã de A1 é mais ainda.

O interessante da próxima fala é o fato de a irmã de A1 ter dado continuidade ao trabalho do pai, se identificando com ele e A1, estar dando continuidade aos negócios da mãe, no entanto, também se identificando com o pai, através do artístico e da criatividade. O interesse de A1 não é pela administração da confecção, que é o trabalho de sua mãe, e sim, pela criação, pela parte de estilismo e design de roupas.

“...as duas, elas são muito parecidas com o pai. A1, ela é muito parecida comigo, mais extrovertida, mais falante e a irmã dela é mais parecida com o pai. Mas, assim, tudo ela endeusa o pai... P1 é um Deus. Todas as duas admiram muito ele. Acho que elas me admiram também. Mas, a irmã de A1 têm uma admiração mais pelo pai. Estas coisas da profissão, do crescimento,... eu sei que A1 admira o meu trabalho também, mas ela não quer a parte que eu faço, ela quer a outra de moda, né” (M1, 47 anos).

De acordo com Lucchiari (1997), o filho pode se tornar depositário das aspirações que os pais não conseguiram realizar, assumindo o papel de responsável por atuar numa profissão que seus pais, por algum motivo, não puderam seguir. Para Teixeira e Hashimoto (2005), o sujeito pode se manter herdeiro dos sonhos insatisfeitos, dos recalamentos e das renúncias que são transmitidas através dos discursos, das fantasias e da própria história familiar.

Em sua entrevista, P1 fala sobre o seu interesse pela arquitetura e o fato de achar que A1 tem alguma aptidão para esta área. P1 parece demonstrar implicitamente o desejo de que a filha optasse pela arquitetura, para poder realizar o seu sonho, que até o momento não pôde realizar.

“Porque eu sempre gostei muito desta parte de construir, então, eu sempre fui muito ligado a isso. E na parte manual... A1 tem tudo a ver pra ser na área de

arquitetura, engenharia, só que ela não se afina com esta coisa de casa, de planta, de desenho,... Ela tem um pouquinho deste perfil e ao mesmo tempo, eu não vejo alguns detalhes que são fundamentais. Então, como sempre gostei de fazer obra, de consertar, de estar junto do meu tio...” (P1, 48 anos).

Assim como foi discutido por Gomes (2007), em seus estudos, pode-se observar que a história familiar herdada das gerações anteriores está presente na formação do psiquismo do sujeito. Então, dependendo de como ele a recebe, pode tornar-se herdeiro ou prisioneiro de tal herança.

No discurso de P1, aparece a transmissão geracional da habilidade manual, ao relatar o trabalho que realizava com o tio na marcenaria e também o interesse do seu pai por obras.

“... eu tenho um padrinho que é marceneiro e ele trabalhava nos fundos da casa dos meus pais. Eu saía do colégio, ia pra oficina dele e eu, literalmente, ficava trabalhando com ele. Ajudando na feitura de móveis, então, eu já tinha esta afinidade com construir coisas” (P1, 48 anos).

“... por outro lado, meu pai fazia muita obra em casa, aí, eu sempre estava junto, ajudando. Meu pai era operário e ele fazia as coisas em casa. No final de semana, ele consertava, ajeitava e eu estava junto com ele... Estas coisas eram um atrativo pra mim. Então, por isso que eu escolhi no curso técnico, no 2º grau, a construção civil” (P1, 48 anos).

“Trabalhei também com um tio, que também era meu padrinho, que tinha uma fábrica de casas pré-fabricadas. E eu, então, entrei fazendo os projetos”. (P1, 48 anos).

P1 também relatou a frustração do tio ao saber que ele ia largar o trabalho na área de construção para trabalhar no serviço público. Afinal, romperia com a cadeia da transmissão.

“...o meu padrinho da área de construção ficou um pouco frustrado, triste, porque eu saí, ele ficou muito triste. Mas, um ano depois, faliu tudo dele. E eu dei

graças a Deus que eu tinha saído, né. Porque eu ainda fiquei na dúvida, se eu ia pro serviço público ou se continuava com ele. Ele ficou chateado comigo, ficou até muito chateado mesmo” (P1, 48 anos).

M1 falou sobre a influência da avó no seu interesse pela costura e a transmissão destas habilidades. Desde adolescente, M1 estava próxima da moda, mas não havia pensado em trabalhar nesta área.

“...quando era adolescente, eu fazia corte e costura, porque eu gostava. A minha avó costurava e eu aprendi... eu fazia um monte de roupas para as amigas. Quando eu tinha 15, 16 anos. Eu fazia as minhas roupas. Minha avó me ensinou também a costurar desde cedo. Então, tinham algumas amigas que eu fazia e me davam dinheiro, né. Ganhava alguma coisa...” (M1, 47 anos).

“Minha avó costurava muito bem e ela que me ensinou. Eu pegava, ficava vendo, observando...” (M1, 47 anos).

Como ressalta Dias de Andrade (1997), há famílias onde todas as gerações se dedicam a uma única profissão. Desta forma, muitas vezes, fica difícil escolher uma profissão diferente, pois não se pode romper com esse legado. A autora pontua que existem muitos adolescentes sendo forçados a seguir carreiras familiares que podem estar totalmente desvinculadas de suas realidades pessoais.

A1, no decorrer da entrevista, citou vários exemplos de adolescentes que sofrem influência na escolha profissional por parte da família, havendo, algumas vezes, uma perpetuação de determinada profissão, nas diversas gerações familiares.

“... tem aqueles que a família quer que faça alguma coisa, não apóia a profissão que eles querem...” (A1, 17 anos).

“... tem um ex-namorado de uma amiga minha, que ele vai fazer medicina, mas assim, às vezes, a gente sente que ele não quer fazer medicina... é mais aquela coisa que a família dele toda... toda a família dele faz medicina” (A1, 17 anos).

“... o meu namorado... por exemplo, ele vai fazer direito, eu acho que ele gosta do direito, né... mas assim, eu não sei se é pela família dele inteira ter feito direito: o pai dele fez direito, os avós dele fizeram direito, a mãe dele está cursando direito agora...” (A1, 17 anos).

“Tem um menino lá da sala que ele passa a aula inteira, o tempo todo ele está desenhando, ele gosta muito de arquitetura... e ele está o tempo todo criando e ele gostaria de fazer isso, mas ele fala que não vai fazer, porque a família não quer... quer que ele faça direito...” (A1, 17 anos).

É interessante o exemplo que a adolescente cita no relato acima. Ele se assemelha à família dela que valoriza bastante as profissões tradicionais. Principalmente, ao fato de o pai dela ter feito direito e enaltecer à exaustão esta profissão, pela qual a sua irmã acabou optando.

A próxima fala também é significativa, pois ela relata sobre um outro adolescente cuja família deseja que faça administração para no futuro administrar a empresa do pai. Semelhante ao que acontece na história dela, onde irá optar pela moda para, provavelmente, dar continuidade à confecção de sua mãe.

“...tem uma outra pessoa que estudava comigo, que ele vai fazer administração e todo mundo sabe que ele vai fazer pra no futuro administrar a empresa do pai dele. Eu acho que ele se sente meio obrigado a dar uma continuidade no empreendimento da família...” (A1, 17 anos).

Já na F2, ao ser questionado sobre o que a família comenta em relação a sua escolha profissional, A2 pontuou que eles falam que ele tem que fazer medicina.

“(risos) Eles falam que eu tenho que fazer Medicina” (A2, 17 anos).

“A minha mãe, desde o começo, quando eu falava que queria fazer medicina veterinária ela falava: Não, tem que fazer medicina! Desde o início, ela sempre quis que eu fizesse medicina. Também pelo dinheiro... Meu pai falava assim: Você pode fazer qualquer outra faculdade, mas desde que você entre para uma pública.”

(risos) Se for medicina, até pago a particular, mas ele queria que eu fizesse medicina também. A medicina ele falava, que se eu gostasse um pouco pelo menos, pra eu tentar ir por este caminho, que é o melhor” (A2, 17 anos).

“Minha irmã, eu quase nunca falo sobre isso. E, meu irmão, ele falava também a mesma coisa que meu pai. Posso escolher o que eu quiser, mas se eu gostar um pouquinho que seja de Medicina, pra eu encaminhar pra este lado, que é o melhor” (A2, 17 anos).

Ao ser questionado sobre como se sente em relação a tais opiniões, A2 relatou se sentir pressionado. Ao final da fala, A2 comete um ato falho, dizendo que não há nada na medicina de que ele irá gostar.

“Pressionado (risos), pressão em cima de mim. Tem que fazer Medicina! Cada hora eu recebo uma informação nova sobre medicina e, às vezes, eu gosto e, às vezes, eu falo...” É isso? Será que eu vou fazer isso?” Mas indo pro lado que se eu for fazer, se eu conseguir passar pra medicina, se eu for pro lado da ortopedia ou da medicina esportiva, eu acho que não tem nada ali que me assuste, que eu não vá gostar. Eu acho que não tem nada ali que eu vá gostar, não.” (A2, 17 anos).

Ao final da próxima fala, A2 evidencia o desejo do avô de que a mãe seguisse a profissão dele.

“Meu pai sempre me contou que desde pequeno, ele gostava de fazer bonequinho de massinha e botava alguma coisa dentro, depois ficava brincando de abrir o boneco pra tirar a coisa que tinha ali. E, minha mãe também sempre gostou de medicina, até porque, mas aí eu não sei se foi pressão do pai, porque meu avô também fazia medicina” (A2, 17 anos).

A2 também disse que ficaria com a consciência pesada, caso fizesse uma escolha que não fosse a Medicina, mostrando que se sentiria culpado por não estar acatando o projeto que os pais idealizaram para ele. De acordo com Chemin (2006), o sujeito pode se constituir tanto como culpado quanto como devedor.

“Eu não sei, acho que eu ficaria com a consciência pesada (risos). Dos meus pais, que eles queriam tanto que eu fizesse Medicina, que eu ficaria meio equilibrado, sabe? Porque eu não saberia o que fazer, mas eu acho que eu escolhi mesmo por mim, não por eles” (A2, 17 anos).

O adolescente relatou o número de médicos que tem em sua família.

“Da minha mãe... a minha avó era médica, meu avô era médico, fazia faculdade de Medicina, mas eu não sei se terminou, mas acho que terminou sim, acho que era médico. E, do lado do meu pai, meu avô não fez medicina, minha avó muito menos. O meu pai fez medicina e meu tio fez Engenharia. Aí, do meu pai, só meu irmão que fez, está fazendo medicina e minha irmã que está fazendo odonto... Avó, avô, mãe, pai, meu irmão (risos), pra mim já é muita gente” (A2, 17 anos).

Chemin (2006) acredita que a discordância de um dos membros da família pode gerar um sentimento de angústia no grupo, que pode puni-lo com isolamento e solidão. Para Falcke e Wagner (2005), a frustração da expectativa familiar, a recusa de cumprir certa função poderá gerar sentimentos de abandono. Como pode ser visto, na Família 2, a medicina está presente em três gerações.

Ao ser questionado sobre qual seria a reação da família, caso ele optasse por um curso diferente da medicina, A2 respondeu que os pais se queixariam bastante.

“Eu ia ouvir muito dos meus pais, mas eu acho que eles não brigariam. Eles não brigariam, se eu estivesse escolhido isso e tal, mas eu ficaria pressionado né? Ah, porque você não fez medicina? Seus pais não são médicos? Por que você não fez medicina?” Isso acho que isso seria uma pressão muito maior, do que eles mesmos pressionando, porque eles com certeza não pressionariam, e sim os outros, sabe? Pressão de fora” (A2, 17 anos).

O adolescente falou sobre a pressão recebida por sua família, pelo fato de ambos os pais e avós serem médicos. Pontuou que a maior influência que ele recebeu foi de sua família e que a sociedade também valoriza esta graduação.

“A pressão é a pior. Na escolha, a pior parte é a pressão. É muito difícil, quando os seus dois pais são médicos, fica mais difícil ainda. O Meu avô era médico, minha avó era médica, meu irmão fez Medicina, então, fica muito difícil, fica muita pressão em cima. A maior pressão é da família. Claro que a sociedade impõe isso também, né? As profissões são medicina e direito, são as duas faculdades da sociedade, que agora está todo mundo fazendo. Mas a minha profissão não foi escolhida pelas pessoas de fora, foi mais pela família” (A2, 17 anos).

Ao ser questionado sobre o porquê da escolha da medicina, A2 falou sobre a influência dos pais, o retorno financeiro e o fato de gostar de cuidar das pessoas. Além disso, comentou sobre a incerteza em relação a esta opção.

“Por que eu vou escolher? Porque tem os meus pais, pelos meus pais também. Claro, lógico que isso influencia, pelo dinheiro e por eu gostar também. Eu gosto desta área de humanas, eu gosto de cuidar das pessoas, de animais, de ser vivo né, eu gosto desta área e foi por isso que eu escolhi. Mas eu não tenho certeza...” (A2, 17 anos).

P2 parece ser bem próximo de A2 e, durante a entrevista, relatou diversas vezes a sua semelhança com o filho e fez diversos elogios, comparando A2 com os demais filhos.

“...eu não sei o que ele vai ser não... Ele é um cara muito observador, eu vejo que A2 é o mais perspicaz de todos os meus filhos, apesar de ser o mais mimadinho, porque era o filhinho do papai e da mamãe, o netinho e tal, mas ele é mais esperto. Ele sabe muito mais coisas do que os outros” (P2, 55anos).

“...mas é aquele negócio, eu me identifico muito com ele, porque eu sei que ele tem potencial, eu sei que ele tem, eu sei que ele é inteligente...” (P2, 55anos).

De acordo com Chemin (2006), quando o vínculo de filiação tem um funcionamento predominantemente narcisista, o filho é transformado em extensão dos pais, dificultando o aparecimento de características próprias, tornando o filho apenas uma repetição da história familiar, sendo impedido de construir um caminho diferente do esperado e desejado pelos pais.

Em relação à sua escolha profissional, P2 relatou que desde pequeno tinha interesse pela medicina e que gostava de ir ao consultório do seu pediatra, pois tinha empatia por ele e se encantava com os equipamentos da sala.

“Desde pequeno, eu me lembro que eu ia ao consultório de um pediatra... e achava o máximo quando ele ligava aquelas luzes, botava banho de luz... Eu tinha empatia nele, né? Mas aquele terno, aquela malinha, eu achava aquilo o máximo e gostei da coisa. Quando era criança, eu dava injeção nos bichos de pelúcia, rasgava as costuras pra ver o que tinha dentro (risos). Alguém se cortava, eu não tinha aquele negócio de “Ai machucou!”! Eu ia lá e mexia, eu nunca tive medo, nem desconforto de ver alguém sangrando, eu acho que foi daí” (P2, 55anos).

P2 falou sobre o desejo que o pai tinha de que ele fizesse engenharia. No entanto, ele não se identificava com o curso. Vale ressaltar que o irmão mais velho acabou seguindo esta área, realizando o desejo de seu pai de ter um filho engenheiro na família. Depois que P2 passou para a faculdade de medicina, seu pai ficou muito orgulhoso, pois não imaginava que o filho tivesse possibilidade de entrar neste curso.

“Meu pai sempre forçou a barra para que eu fizesse Engenharia. Como meu irmão era um cara muito bom em matemática, um excelente aluno, aí ele falou: faz Engenharia! Na época, ser engenheiro era uma coisa fácil, você se formava e estava empregado... o engenheiro, hoje em dia, virou praticamente um faz tudo dentro de uma firma. E eu falava: Vou fazer Medicina”. Meu pai me questionava se eu ia fazer medicina e dizia que eu não era tão estudioso assim pra fazer Medicina...” (P2, 55anos).

“Ele não me viu formado. Quando ele morreu, eu estava no 4º ano de medicina, mas ele tinha muito orgulho disso. Eu sei porque papai conversava com o meu padrinho que eu o tinha surpreendido, que ele achava no início que eu não ia conseguir, que ele estava tranqüilo agora, que eu já estava encaminhado, que eu estava na faculdade, ia ser médico e dali não tinha como não ser médico mais” (P2, 55anos).

Já M2, ao ser questionada sobre o porquê dela ter escolhido a medicina, relembrou o desejo que o pai tinha de que algum dos filhos fosse médico ou dentista, que eram as profissões que ele exercia. Pode-se observar a transmissão geracional em relação à valorização da área biomédica, principalmente, os cursos de medicina e odontologia. Esta valorização ainda se faz presente na geração atual.

“Meu pai era dentista e, depois de uma certa idade, acho que ele já tinha 40 anos, ele foi fazer medicina. Então, ele fez medicina e aí o sonho dele era ter alguém que fizesse medicina ou que fizesse odontologia. No caso, eu como filha mais velha, eu tinha... vamos dizer assim, eu me sentia no compromisso de realizar aquilo, porque os meus irmãos eram mais novos e, naquela época, eram surfistas, ninguém queria estudar” (M2, 53 anos).

Como foi visto anteriormente, a escolha profissional é influenciada pela visão positiva ou negativa da profissão dos pais e a relação deles com o trabalho. Ela está ligada às profissões das gerações anteriores e aos papéis desempenhados, pelo membro que irá escolher, dentro da dinâmica familiar.

Devido ao fato de os irmãos não gostarem de estudar e da irmã não ter o interesse pela medicina, M2 se sentiu no compromisso de realizar o sonho de seu pai, que era ter um filho médico.

“É uma irmã e mais três irmãos. A minha irmã estudava, mas não pretendia fazer medicina, nem odontologia. Os outros dois não queriam nem fazer nada (risos). Então, eu sentia a vontade de realizar o sonho do meu pai, mas era dentro do que eu gostava, né? Eu não me lembro do momento em que eu determinei: É

Medicina! Eu sei que eu sempre fui pela área biomédica. Naquela época, não tinha esta divisão: enfermagem, fisioterapia... só tinha odontologia, acho que psicologia e medicina, então, como eu gostava e eu sabia que era a realização do meu pai, de repente, eu tendi mais por esta... Não que ele pressionasse. Eu sabia que ele queria, gostaria, né?” (M2, 53 anos).

Como já foi ressaltado, a pessoa pode se sentir culpada por não estar acatando o projeto dos pais. Assim, aconteceu com M2, que se sentiu no compromisso de seguir a profissão que o pai havia idealizado para ela. Caso não seguisse este curso, poderia se sentir como devedora de seus antepassados, com uma dívida que poderia se subjetivar em culpa (Chemin, 2006).

Ao ser questionada sobre a profissão de sua mãe, M2 disse que era do lar. Vale ressaltar que A2, em sua entrevista, havia falado que a avó materna era médica. Pode ser que devido à pressão recebida, A2 tenha se confundido e aumentado o número de médicos na família, que segundo ele, já são muitos.

M2 contou com entusiasmo a satisfação que o pai ficou ao vê-la cursando medicina. Na fala seguinte, pode-se observar a transmissão geracional, pois M2 passa para os filhos suas vivências e tudo o que já ouviu de seu pai sobre esta profissão. Não se pode negar que a história de vida do sujeito encontra-se influenciada por conteúdos do seu passado, vindo das gerações anteriores.

“...eu passei pelo menos o ano com ele satisfeito né? Ele ficava muito satisfeito quando eu ia até lá no hospital. No primeiro dia que eu entrei na faculdade, ele queria que eu já estivesse trabalhando com ele no hospital. Ele levava a gente pra atender junto com ele, pra ver como era o atendimento, tanto a mim quanto a minha irmã, ele gostava... porque ele sabia que eram as duas que estudavam, que podiam fazer alguma coisa né? Vamos dizer assim, eu tento passar isso para os meus filhos, acho que vai ser bom pra eles, se eles já vivem isso, né? (M2, 53 anos).

“...A2 devia ter uns 4/5 anos, o paciente ligou pra cá e falou que: Ah, eu precisava localizar sua mãe, eu preciso falar com ela, é porque meu filho está com febre, aí A2 falava assim: Olha, minha mãe não sei onde que ela está, mas

quando a gente está com febre ela dá novalgina pra gente (risos). Quer dizer, eu falei assim: A2 você tem que ser médico, não tem jeito” (M2, 53 anos).

P2 terminou a entrevista dizendo que influencia os filhos para que eles façam o curso de medicina e que nunca mostraria o lado negativo desta profissão.

“Se é influenciar, então, eu influencio mesmo, eu nunca vou mostrar o lado negativo de ser médico, o negativo não, eu vou mostrar o negativo, mas dizendo que se isso aconteceu por este motivo aqui, foi porque o cara não fez o lado positivo direitinho (risos)” (P2, 55anos).

De acordo com Andrade (1997), é no seio familiar que é estruturada a personalidade ocupacional do sujeito, onde formarão as bases e os principais aspectos que guiarão as relações do sujeito com o mundo do trabalho.

3. Valorização das profissões tradicionais

De acordo com A1, a mãe não a incentivou quando ela optou pelo curso de moda, mas a incentivou, quando ela pensou em escolher o curso de Medicina.

“... quando cismeiei que iria fazer medicina, minha mãe apoiou, falou que eu poderia fazer, mas tenho plena consciência de que eu não passaria numa faculdade pública. Então, ela até falou que se fosse realmente o que eu queria, ela poderia pagar uma particular, se esforçaria... mas eu vi que não tem muita necessidade de eu fazer direito... é... medicina! (risos) Não tem muito a ver comigo não” (A1, 17 anos).

A adolescente, no relato acima, comete um ato-falho, pois ao invés de falar medicina, fala a palavra direito. Medicina e direito são dois cursos tradicionais. Como a irmã já optou pelo curso de direito, não há necessidade de ela optar por uma profissão tradicional, podendo fazer uma outra escolha. Ou pode-se interpretar que, como a irmã já seguiu a profissão do pai, A1 está livre para escolher outro curso.

P1 demonstrou, através do seu discurso, não possuir o interesse de que a filha curse a faculdade de moda, como primeira opção. Relatou que investiu muito nos estudos dela, em colégios particulares, portanto ela deveria tentar uma graduação nas universidades públicas.

“...eu disse a ela o seguinte: que a gente, ao longo dos anos, vem preparando o estudo dela pra que ela pudesse entrar numa faculdade, seguisse uma carreira, e seguisse a vidinha dela normal, dentro da expectativa que nós pais temos do filho. O filho vai fazer uma carreira, vai estudar, vai passar para uma faculdade pública.” (P1, 48 anos).

“Quando ela falou Moda, eu não acho que seja a cara dela. Ela é muito vaidosa, ela é muito cuidadosa com ela, se enfeita toda, se maquia toda, ela tem todo um cuidado com ela, com a apresentação dela, em compensação, com o redor, nada” (P1, 48 anos).

No próximo relato, P1 apresenta um discurso contraditório ao dizer que não vai encorajá-la a fazer moda e, posteriormente, diz que a incentiva.

“Ela se preocupa com ela, é impecável, está sempre bonitinha, mas o quarto é bagunçado. Então, eu falei: pô, você não tem perfil pra este negócio. Mas, eu não tiro... como é que fala? Não vou... desencorajá-la. Eu incentivo. O que eu falei para ela é que eu achava que deveria tentar procurar outro tipo de atividade que ela tenha uma certa afinidade ou que não seja tão penosa pra ela fazer, para que tente o vestibular, numa faculdade pública” (P1, 48 anos).

Conforme ressaltado por Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), antigamente, era natural que os pais escolhessem a profissão para os filhos. No entanto, ocorreram diversas mudanças sociais e, hoje em dia, existem centenas de cursos de graduação. Existem, também, diversas pós-graduações e cursos técnicos. Desta forma, houve um crescimento das oportunidades de escolha, trazendo dificuldades, pelo fato de alguns pais não terem acompanhado estas mudanças, sendo que, diversas vezes, não preparam seus filhos para elas.

Os pais, em geral, possuem opiniões sobre qual curso seria a melhor opção para o filho e que este poderia desempenhar bem. Preocupam-se com um futuro bem-sucedido e com um trabalho adequadamente remunerado, por isso, muitos afirmam que é preciso ter um bom salário e participar ativamente no mercado de trabalho.

A forma como os pais falam das profissões, a maneira como eles valorizam uma determinada atividade ocupacional, tudo isso influencia o jovem na hora da escolha. Desta forma, conceitos e preconceitos são passados ao adolescente mesmo que os pais não percebam.

No próxima fala, P1 deixa clara a solicitação que fez para que a filha fizesse o vestibular para uma faculdade pública, demonstrando o quanto valoriza o ensino nas universidades públicas.

“...no futuro, se ela entrar na carreira de moda e ver que não é aquilo que ela quer, ela pelo menos não perdeu esta oportunidade que tem de entrar numa faculdade pública. Então, eu falei: “tenta ver uma faculdade de uma carreirinha que você tem uma pequena afinidade, ou pelo menos que você sinta que cursá-la não vai ser tão penoso, pra não perder a oportunidade de entrar numa faculdade. Se possível, cursa as duas... parece que moda não tem em entidade pública, né” (P1, 48 anos).

M1 pontuou que o curso de moda deve ser uma segunda opção, o que vai ao encontro do relato de A1, que também acreditava na mesma premissa, não sabendo explicar o porquê. Parece que A1 sustenta o discurso da mãe.

No próximo discurso, M1 inicia a fala com duas negativas em relação ao fato de apoiar a filha na opção pelo curso de moda. Além disso, apresenta uma fala contraditória ao dizer o que acha sobre esta faculdade, relatando que primeiro deve-se pensar naquilo de que gosta, no entanto, depois muda a frase dizendo que o mais importante é optar por uma carreira que vai “encaminhar a pessoa na vida.”.

“... eu sinto assim, não que eu não vá apoiar ela na moda. O que eu penso da moda: a faculdade de moda, ela tem que ser como uma segunda opção. Pra mim, ela funciona como uma segunda opção na sua vida” (M1, 47 anos).

“Primeiro, você faz aquilo que você gosta... acho que isso é um pouco de tradicionalismo meu também. Acho que isso é um pouco do meu tio também. Primeiro, você faz uma faculdade que vai te encaminhar na vida. Eu acho que isso é um tradicionalismo meu. E aí, você depois busca o prazer, que é a moda, que é a arte..” (M1, 47 anos).

Segundo reportagem da revista *Veja* de 11 de novembro de 2009, nos tempos do Império, no século XIX, os diplomas de medicina, direito e engenharia (primeiros cursos universitários criados no Brasil) eram símbolo de distinção social. Hoje em dia, muitos adolescentes brasileiros continuam sonhando em se tornar médicos, engenheiros e profissionais do direito, como demonstra o ranking dos cursos mais disputados pelos vestibulandos. Talvez, os salários acima da média e a relativa facilidade para entrar no mercado de trabalho são parte da explicação para a alta procura desta tríade de cursos clássicos. Estas são algumas vantagens objetivas que reforçam a tradição destas carreiras. Muitas vezes, esta visão positiva das profissões tradicionais faz com que os pais acreditem que elas sejam as melhores opções para seus filhos.

O pai de A1 falou sobre o seu desejo de que A1 optasse pelo curso de direito. No seu discurso, enfatizou diversas vezes a palavra direito e também alguns cursos mais tradicionais.

“Na minha opinião, quem não sabe o que vai fazer, tem que fazer direito. Fazer direito. Quando falo direito, fazer direito, no sentido de, tem que fazer uma opção direita, então é fazer o direito mesmo. Porque, hoje, uma pessoa que não sabe, não tem vocação para ser nada, vá fazer direito. É fácil, não é difícil, é uma faculdade que você consegue levar de certa forma, tranqüila, não tem grandes elucubrações de cálculos e tal... aquela pessoa que não tem perfil pra ser nada, vai conseguir se adequar ao direito” (P1, 48 anos).

“Isso foi uma opção que eu dei a ela, comentei, mas falei em assistente social, em administração de empresas, mas administração de empresas tem cálculos, falei da dificuldade. E, com relação à moda, eu estou dando apoio a ela, mas acho que

ela não vai se adequar, pode ser que eu esteja enganado, espero eu que esteja.” (P1, 48 anos).

Ao falar sobre A1 e suas escolhas, M1 recai, novamente, no tradicional, ao relatar que até para medicina ou odontologia, ela imagina a filha atuando profissionalmente.

“Então, eu acho que é, exatamente, aquilo que a pessoa se identifica quando estuda, depois a prática do dia a dia, você também aprende a gostar de fazer um monte de coisa que você nunca imaginou, né. Então, eu vejo assim, até pra medicina e dentista, eu vejo A1” (M1, 47 anos).

No decorrer da entrevista, M1 mantém o discurso valorizando os cursos tradicionais, incentivando A1 a optar pelo curso de medicina, demonstrando que para o tradicional, todos os investimentos são justificáveis.

Comenta que a filha gosta muito da medicina, no entanto, parece que é mais um desejo da mãe do que um desejo de A1.

“...por conta da habilidade, porque ela gosta da medicina. Eu vejo muito isso. Só que a preocupação dela é “se eu não passar”, eu falo: se é Medicina que você quer, tenta Medicina. Aí ela fala: “Mãe, é muito difícil passar!” É difícil passar, mas não é impossível. Até a particular, se você for fazer Medicina, eu vou deixar de fazer um monte de coisa na minha vida, de trocar carro toda vez no ano, vou vender meu carro para você poder fazer a sua faculdade, eu faço o que precisar, mas você vai fazer, nem que seja particular” (M1, 47 anos).

Enquanto o pai exalta o Direito, a mãe opta pela Medicina. O que vale considerar que são dois dos cursos mais tradicionais que existem. Observa-se que, nesta família, há uma valorização das profissões tradicionais.

A família influencia, em todos os sentidos, criando trajetórias, ou seja, padrões de comportamento, que podem interferir de modo positivo ou negativo no momento da tomada de decisão. É importante destacar que muitos pais consideram as profissões clássicas, como direito, medicina, engenharia, e outras, como as mais promissoras. Demonstrando, mesmo que seja de forma indireta,

suas rejeições por carreiras que supostamente remuneram mal e não gozam de prestígio social.

Sendo assim, estão agindo com representações tradicionais, utilizando critérios como: ganhar muito dinheiro e posição de prestígio. Não compreendem que, atualmente, o mundo ocupacional não pode ser rigidamente dividido entre profissões que dão dinheiro e as que não dão dinheiro. Existem ocupações consideradas boas ou mal remuneradas que estão igualmente distribuídas pelas diversas áreas de trabalho e especializações dentro do curso.

M1, no decorrer da entrevista, mantém o discurso de que a moda continuará sendo segundo opção. Parece não haver uma valorização dos cursos que são mais modernos e recentes, incentivando A1, apenas para fazer as graduações que são mais antigas e tradicionalistas. O interessante é que a própria M1 utiliza a palavra tradicionalista em seu discurso.

“Pra mim, continua sendo a segunda opção (risos). Porque eu acho que isto é criação. Se você perguntar... o filho da minha sócia sabe o que ele quer fazer? Gastronomia. Aí ela fala: Você vai fazer isto quando você já tiver formado em alguma coisa direito! Você não vai pra área de gastronomia não! Então, eu acho que foi a minha criação... eu tive esta criação muito tradicionalista. Mas não quer dizer que eu não vá aprovar”. (M1, 47 anos).

“Por exemplo, a irmã de A1 tem uma amiga, que ela é toda o pai, tem muito dinheiro, a mãe tem dinheiro e eles são uma família simples, que não tinham nada e cresceram. Hoje, ele tem negócio de refinaria, trabalha com gasolina, distribuição. E, ela é uma pessoa assim, que ela fez tudo, fez administração e outros cursos... Sabe o que ela está fazendo e está amando? Negócio de cinema. Eu só falava assim: Ah filha, se fosse você, você ia fazer primeiro administração, qualquer faculdade normal, para depois fazer estas coisas aí. Isso aí é segunda opção!” (M1, 47 anos).

“...por exemplo, a irmã de A1 queria fazer sociologia, aí eu pensei: “gente, ela dando aula”, fiquei logo preocupada. Eu acho que quando ela terminar a faculdade, ela vai fazer sociologia. Porque ela gosta, ela se identifica com isso.

Mas aí, ela já pensou mais tradicionalista como a gente e fez o direito” (M1, 47 anos).

Já, P2 comentou sobre o fato da filha mais velha não ter passado para medicina, por ela não gostar de estudar. Pontuou sobre o retorno financeiro do médico e a sua visão em relação às novas graduações existentes. Em alguns momentos, parece desvalorizar os outros cursos que não são tão tradicionais como a Medicina.

“...ela falava que ia fazer medicina, mas não sentava pra estudar, chegava em casa e no máximo fazia o dever de casa, aí eu: “oh, medicina, você está fora, não tem condições, você não vai passar”. Fez o vestibular, não passou, foi chamada pra odontologia. Odontologia já foi a época em que você ganhava dinheiro, que você tinha realização, você podia sonhar... Mas aqui em casa, por exemplo, eu e minha esposa somos médicos, nós estamos num nível de situação financeira que não é nenhuma maravilha, mas é confortável ...” (P2, 55anos).

“A orientação que eu passo para A2 é: não gosta da área tecnológica, porque nunca pensou em fazer, a parte de direito também não... Então, como eu sou de uma época que ou você seguia humanas ou biomédica ou tecnológica, não existia essa gama que tem agora... A classe médica é uma classe que ela não vai acabar, ela até está perdendo a identidade do médico, de terno com aparelhinho que ia na casa da pessoa, mas você ainda é tratado com respeito...” (P2, 55anos).

Em seu discurso, M2 parece valorizar as profissões mais tradicionais e ressalta que os filhos da sua irmã estão bem profissionalmente, pois um fez engenharia e o outro fez direito.

“Mas é aquele negócio ou você, vamos dizer assim, ascende por casamento (risos) ou por nascimento ou por profissão. Ou por profissão ou você é muito inteligente pra galgar uma posição muito boa. Então, os filhos da minha irmã todos dois são formados, um é engenheiro, o outro fez direito, estão todos dois assim bem”. (M2, 53 anos).

As profissões tradicionais estavam presentes na escolha do pai de M2, pois depois de fazer odontologia e medicina, ele foi fazer o curso de direito.

“...dois anos depois que ele terminou a medicina, ele morreu. Mas ele já estava fazendo a faculdade de direito, quando ele morreu. (risos) Porque ele aí se separou da minha mãe, nestes dois anos, então ele falou assim: Eu vou fazer direito pra saber como que eu vou agir neste negócio de separação! E ele já estava fazendo direito, então, ele gostava mesmo de estudar” (M2, 53 anos).

Considerações finais

A escolha de uma carreira faz parte de um processo contínuo que começa desde cedo com uma grande participação da história de vida familiar do adolescente. Ao escolher uma profissão, é necessário identificar as influências recebidas na infância, os eventos mais marcantes que ocorreram até o momento e o estilo de vida desejado, pois a atividade profissional escolhida irá possibilitar ou não a realização das expectativas.

Diversos fatores afetam a escolha profissional: fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares, dentre outros. O adolescente realizará a sua escolha baseado no contexto social, econômico, cultural e psicológico em que se encontra. Em relação ao fator familiar, conflitos podem surgir quando há um desacordo entre as expectativas e desejos da família e os interesses do jovem.

Observa-se que a dificuldade ou até mesmo a impossibilidade de escolher uma profissão pode estar relacionada a situações conflituosas nas relações familiares, pois os processos afetivos vivenciados na família podem influenciar o tipo de escolha profissional realizada. A estrutura familiar pode ser uma barreira à livre escolha, quando os membros desse grupo expõem suas opiniões sobre determinadas profissões de forma direta ou indireta. Os valores, ideias e concepções com relação às atividades profissionais são transmitidos por gerações, sendo algumas ocupações mais valorizadas do que outras.

O presente trabalho mostrou a sua relevância na medida em que não foram identificados na literatura muitos estudos desta natureza, enfocando a influência da transmissão geracional na escolha da profissão. O material disponível sobre esse tema é relativamente escasso e o número de pesquisas empíricas e publicações científicas de caráter nacional, realizadas na área, ainda é restrito.

Sabe-se que desde o nascimento, o sujeito carrega consigo uma série de expectativas da família, que ele deverá (ou não) cumprir ao longo da sua vida. Os pais depositam seus sonhos nos projetos que fazem para o futuro do filho, e este se desenvolve dentro deste contexto, muitas vezes, ouvindo que deve seguir a profissão dos pais e/ou dos avós, ou que a profissão desejada não é apropriada para o seu gênero.

Nesse momento de escolha, o adolescente pode deparar-se com a herança familiar em relação a determinadas profissões. Um jovem pode escolher uma ocupação com o objetivo de resgatar um sonho particular de um de seus pais, que não foi possível de ser realizado. Além disso, os avós ou bisavós podem transmitir aos seus descendentes um ideal a ser seguido, que se tornará uma forma de pagamento de uma dívida familiar inconsciente. O adolescente pode ou não se apropriar deste legado e a realização do mandato pode passar a ser o seu projeto de vida. Os valores que as profissões assumem no grupo familiar influenciam de forma significativa no momento da escolha.

Para a compreensão do porquê de determinada escolha profissional é importante investigar, dentre outros aspectos, a herança geracional recebida e os legados que o sujeito precisa cumprir em sua família. É necessário estar atento aos valores que são passados por gerações, pois, para uma família, pode ser importante que os seus membros cursem o nível superior, preferencialmente, os cursos de Medicina, Direito ou Engenharia, ampliem seus estudos com pós-graduações, e que sejam bem sucedidos em seu trabalho. Já para outra família, estes valores podem não ser tão importantes. Além disso, a escolha por determinada profissão, também, permite ao jovem ocupar um lugar dentro da dinâmica familiar existente.

Sabe-se que, desde a infância, as experiências vividas com as pessoas significativas do grupo familiar vão marcando o sujeito. Essas experiências envolvem tanto a cultura, os valores e a moral das gerações anteriores, influenciando, sem que o sujeito perceba, suas decisões e escolhas amorosas e profissionais, dentre outras. Os desejos familiares ficam gravados no interior do sujeito e o que muda, de um sujeito para o outro, é a intensidade e a influência que este legado terá na vida de cada um. A frustração da expectativa familiar, na recusa do cumprimento de determinado mandato, pode gerar sentimentos de angústia, solidão e abandono.

Mais do que simples dados qualitativos que possam corroborar a literatura existente, os dados obtidos nas entrevistas com as famílias indicam alguns padrões que se repetiram e foram compartilhados pelos participantes.

Em relação ao momento da escolha profissional, ambos os adolescentes pontuaram as dificuldades encontradas ao escolher um curso de graduação e o fato de só terem começado a pensar nesta escolha no 3º ano do ensino médio. Falaram sobre o desconhecimento em relação ao mercado de trabalho e as diversas profissões existentes. Pontuaram, também, a dificuldade de escolher uma só profissão e ter que deixar de lado todos os outros cursos que não foram escolhidos. Queixaram-se por terem, ainda tão jovens, que fazer esta escolha e demonstraram uma visão de que seria uma escolha para o resto da vida.

Os pais mostraram-se preocupados em relação à escolha profissional dos filhos, seja pelo fato de o filho ter demorado a pensar nesta escolha ou pelo fato de estar difícil o mercado de trabalho.

Em ambas as famílias, observou-se uma desvalorização de determinadas profissões. Este discurso dos pais se refletia no discurso dos adolescentes, que acabavam desvalorizando as mesmas profissões que seus pais desqualificavam.

Foram destacados alguns fatores importantes ao optar por uma profissão, dentre eles: o gostar da profissão, o retorno financeiro, a identificação com determinada matéria, as habilidades predominantes na pessoa e a satisfação pessoal.

Os membros do casal 1, ela, dona de uma confecção e, ele, advogado, demonstraram insatisfação em relação às suas escolhas profissionais. Já, os médicos do casal 2 relataram que estão satisfeitos com a profissão escolhida. No entanto, a mãe se queixou um pouco da remuneração. Esta percepção dos pais em relação às suas ocupações acabou refletindo nos filhos no momento em que eles precisavam optar por qual curso iriam seguir. Sabe-se que a profissão dos pais e familiares e a forma como estes vivenciam suas ocupações também é um fator influente na decisão do jovem.

Em relação à transmissão geracional, foi observada nos discursos, a preocupação com a herança dos bens profissionais, e também, a transmissão geracional dos valores, da tradição e das habilidades profissionais. Havia, em ambas as famílias, uma preocupação com a continuidade dos bens profissionais. A

família 1, em relação à herança da confecção e a família 2 em relação à herança do hospital.

Em ambas as famílias, houve a valorização de algumas profissões e habilidades no decorrer das gerações. Na família 1, pontua-se a importância que o pai dá ao curso de direito e o fato de ele não ter feito o curso de arquitetura e achar que a filha tem aptidão para esta área. Observa-se também a transmissão geracional da habilidade manual, quando o pai relata o trabalho que realizava com o tio na marcenaria e o seu interesse por obras. A mãe também falou sobre a influência da avó no seu interesse pela costura e a transmissão destas habilidades.

A adolescente da família 1 também tinha uma grande habilidade manual. No seu discurso, trouxe vários exemplos de colegas que estão sofrendo a influência por parte da família na escolha da profissão, havendo, em alguns casos, uma perpetuação de determinada ocupação, nas diversas gerações da família. Esta perpetuação pôde ser vista na família 2, onde em várias gerações houve uma valorização da medicina.

O adolescente da família 2 sentia-se pressionado e pontuou que ficaria com a consciência pesada, caso fizesse uma escolha que não fosse pelo curso de medicina, demonstrando que se sentiria culpado por não estar acatando o projeto que os pais idealizaram para ele. Vale ressaltar que existem diversas famílias onde todas as gerações se dedicam a uma única profissão e, desta forma, muitas vezes, fica difícil escolher uma profissão diferente, pois não se pode romper com tal legado.

Em ambas as famílias, observou, de alguma forma, a transmissão dos valores relacionados àquelas profissões. A visão positiva ou negativa dos pais em relação a tais cursos estava exercendo influência na escolha profissional dos filhos. Em algumas situações, havia um compromisso com a geração anterior, de seguir a profissão que foi idealizada pelos pais ou avós.

Outro fator relevante observado foi um discurso de valorização das profissões conhecidas como tradicionais (clássicas), principalmente, por parte dos pais. Mas, em alguns momentos, este discurso dos pais parecia se refletir nas falas dos filhos, que demonstravam um certo preconceito com as profissões mais recentes, “modernas”, tais como: moda, gastronomia, dentre outras.

Vale ressaltar que o momento em que os pais fizeram suas escolhas profissionais foi bem diferente deste em que seus filhos se encontram.

Atualmente, existem inúmeros cursos novos e também diversas pós-graduações e cursos técnicos. Estes cursos recentes geram ansiedade nos pais em relação ao mercado de trabalho e a empregabilidade. Os cursos mais ligados às áreas artísticas, muitas vezes, acabam sendo vistos como “hobbies” e não como uma profissão como outra qualquer. Parece haver, ainda, uma valorização das profissões clássicas, tais como: medicina, engenharia e direito. Isto foi observado em algumas falas dos entrevistados.

Enfim, os relatos demonstraram o quanto a família está envolvida e exerce influência no momento em que o adolescente precisa escolher uma profissão. O jovem, muitas vezes, repete o discurso de seus pais ou familiares, podendo realizar o desejo dos mesmos. Por outro lado, ele pode confrontar ou transformar o que foi recebido como herança. O fato de não querer desapontar os pais/familiares pode se tornar um motivo de sofrimento e transformar a escolha da profissão em um processo doloroso. Vale ressaltar que a escolha é feita num estágio do ciclo de vida onde o sujeito está constituindo sua identidade e passando por uma série de transformações corporais e psicológicas.

Torna-se cada vez mais importante o aprofundamento dos estudos sobre os fatores de influência na escolha profissional, principalmente, o fator familiar, enfocando as diversas gerações. Segundo Filomeno (2005), para a realização de um trabalho de orientação adequado, não basta questionar a profissão dos pais e observar se o jovem possui o interesse de seguir a mesma carreira, opor-se a ela ou, ainda, realizar o desejo dos pais. É necessário, também, aprofundar o trabalho de orientação profissional, explorando as questões familiares, a história de vida profissional, o genograma e a dinâmica familiar. É importante que o sujeito não seja visto de uma forma fragmentada, mas que possa ser considerado na sua totalidade e na sua inserção num contexto maior, levando-se em conta que, ao escolher determinada profissão, ele carrega consigo regras, valores, missões, delegações e expectativas que foram nele depositadas.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1971.

ANDRADE, Tabajara Dias. A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In: LEVENFUS, Rosane (org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ANDRÉ-FUSTIER, Francine; AUBERTEL, F. A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In: EIGUER, Alberto (org). **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Unimarco, 1998.

AYLMER, Robert C. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: MCGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty. (orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BARRETO, Maria Auxiliadora; AIELLO-VAISBERG, Tania. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 107-114, jan/abr, 2007.

BERTIN, Ivone Placoná; PASSOS, Maria Consuelo. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. **Interações**, São Paulo, v. VIII, n. 15, p. 65-79, jan-jun, 2003.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional**: a estratégia clínica. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CAMPOS, Katia Nahum. **Transmissão psíquica: A influência familiar na escolha profissional**. Monografia (Especialização em Terapia de Família e Casal) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia de família. In: MCGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty (orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVAJAL, Guillermo. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose.** São Paulo: Cortez, 1998.

CASTRO, Ana Laura Rabelo Araújo; WAIDEMAN, Marlene Castro. Transmissão psíquica e arquétipo: assuntos de família. In: VALENTE, Maria Luisa L. Castro; WAIDEMAN, Marlene Castro (orgs). **E a família como vai?** São Paulo: UNESP, 2005.

CASTANHO, Gisela M. Pires. **O adolescente e a escolha da profissão.** São Paulo: paulinas, 1988.

CHEMIN, Ana Cristina Salaverry. A transmissão da culpa e do ideal. In: PIVA, Angela (org). **Transmissão transgeracional e clínica vincular.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

DADOORIAN, Diana. Adolescência. In: DADOORIAN, Diana. **Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DIAS, Maria Luiza. Família e escolha profissional. In: BOCK, Ana Maria Mercês Bahia (org). **A escolha profissional em questão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In: WAGNER, Adriana (org). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; PONCIANO, Edna. Lucia Tinoco; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Família e casal: da tradição à modernidade. In: CERVENY, C. M. O. (org.). **Família em movimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FILOMENO, Karina. **Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica.** São Paulo: Vetor, 2005.

GABEL, Cristiane Liz Moeller; SOARES, Dulce Helena Penna. Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 7, n. 1, jun, 2006.

GARCIA-PRETO, Nydia. Transformação do sistema familiar na adolescência. In: McGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty (orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOMES, Isabel Cristina. A dinâmica das relações conjugais: teoria e clínica. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org). **Família e Casal**: saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

HISSA, Maria da Glória; PINHEIRO, Marita de Almeida. A percepção dinâmica do mundo na construção das identificações. In: VASCONCELOS, Zandre Barbosa; OLIVEIRA, Inalda Dubeux (org). **Orientação Vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004.

KAËS, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, Alberto (org). **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Unimarco, 1998.

KAËS, René. O sujeito da herança. In: KAËS, René; FAIMBERG; Haydée; ENRIQUEZ, Micheline; BARANES, Jean José (org). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LEMOS, Caioá Geraiges; FERREIRA; Maria Flávia. Geração *Zapping* e escolha profissional. In: VASCONCELOS, Zandre Barbosa; OLIVEIRA, Inalda Dubeux (orgs). **Orientação Vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004.

LEVENFUS, Rosane Schotgues. & NUNES, Maria Lucia Tiellet. Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES Dulce Helena Penna (orgs). **Orientação Vocacional Ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LISBOA, Marilu Diez. Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional. In: LEVENFUS, Rosane (org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste dos três personagens. In: LEVENFUS, Rosane (org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. O que é orientação profissional? Uma nova proposta de atuação. In: LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares (org). **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

MACEDO, Emilisa Curi. O rádio informa para o futuro. In: LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena Penna (orgs). **Orientação profissional em ação**: formação e prática de orientadores. 2 ed. São Paulo: Summus, 2000.

MAGALHÃES, Andréa Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org). **Família e Casal**: saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MAHL, Álvaro Cielo; SOARES, Dulce Helena Penna; OLIVEIRA NETO, Eliseu. **POPI – Programa de orientação profissional intensivo**: outra forma de fazer orientação profissional. São Paulo: Vetor, 2005.

MANSÃO, Camélia S. Murgu. Ampliando os rumos da orientação profissional no novo século – Uma experiência na 8ª série do ensino fundamental. In: LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena Penna (orgs). **Orientação profissional em ação**: formação e prática de orientadores. 2 ed. São Paulo: Summus, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOURA, Hélia; VEIGA, Feliciano. Vocational identity in adolescence according to family. **International Conference AIOSP 2005. Carrers in context**: new challenges and tasks for guidance and counseling. University of Lisbon, Lisboa, 2005. CD-ROM.

NASCIMENTO, Regina Sonia Gattas Fernandes. Sublimação, reparação e a escolha profissional. In: BOCK, Ana Maria Mercês Bahia (org). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. O campo da pesquisa qualitativa e o método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 65-73, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Questões Metodológicas sobre a análise de discurso. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, V. 4, n. 1/2, p. 103-108, 1989.

OUTEIRAL, José Ottoni. A adolescência e a identidade. In: OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PEREIRA, Denise Zimpek T. Fantasma transgeracional: possessão ou retorno do não-recalcado? In: TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait (org). **Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PEREIRA DE MELLO, Vera Maria Homerich. Entre luz e trevas: o legado transgeracional de um luto não-elaborado na realidade psíquica de uma criança. In: TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait (org). **Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PIVA, Angela. Sobre a transmissão. In: PIVA, Angela (org) **Transmissão transgeracional e clínica vincular**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

REIS, Alberto Olavo Advincula; ZIONI, Fabiola. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 472-477, 1993.

RUIZ CORREA, Olga. **O legado familiar**: a tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

RUIZ CORREA, Olga. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2003.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr, 2005.

SEVERO, Ariane de Freitas. Transmissão psíquica e identificações alienantes. In: PIVA, Angela (org) **Transmissão transgeracional e clínica vincular**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena Penna. O ideal de ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In: LEVENFUS, Rosane (org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta; HASHIMOTO, Francisco. Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. **Pulsional – Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XVII, n. 182, p. 63-73, junho, 2005.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait; CHEM, Vera D. M. Homenagem a René Kaës. . In: TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait (org). **Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In: TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait (org). **Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

VEJA, edição 2138, ano 42, n. 45. São Paulo: Editora Abril, nov. 2009.

WAGNER, Adriana. **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

XIMENES, Lavínia de Melo e Silva. O que eu quero ser quando me deixarem crescer? In: VASCONCELOS, Zandre Barbosa; OLIVEIRA, Inalda Dubeux (orgs). **Orientação Vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004.

Anexo I

Roteiro de entrevista – Adolescente

1. Se ele(a) já começou a pensar na escolha profissional;
2. Quando começou a pensar;
3. O que o levou a pensar nesta escolha;
4. E se depois descobrir que não é bem isso que quer;
5. O quanto conhece das profissões e do mercado de trabalho;
6. Como obtém informações sobre as profissões existentes;
7. O que a família fala sobre sua escolha e, se fala, como se sente em relação a tais opiniões;
8. O que acha que seus pais consideram mais importante na escolha da profissão;
9. E o que você considera mais importante;
10. Que percepção tem em relação à profissão dos pais;
11. Como estão os seus colegas em relação à escolha profissional.

Roteiro de entrevista – Pais

1. Os desejos que os pais têm em relação à escolha profissional do(a) filho(a);
2. A intenção ou não de que o(a) filho(a) siga alguma profissão específica;
3. O que deve ser levado em consideração na hora de decidir por uma profissão;
4. O momento em que ele(a) precisou realizar a sua escolha profissional;
5. O que os seus pais desejavam em relação a sua escolha profissional;
6. As influências recebidas que o levaram a escolher determinada profissão;
7. O nível de satisfação em relação à profissão que exerce;
8. Se tivesse a possibilidade de fazer uma nova escolha, qual profissão escolheria e por quê.

Anexo II

Código

PROJETO: TRANSMISSÃO PSÍQUICA - REPERCUSSÕES NA ESCOLHA PROFISSIONAL

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Mãe

Idade: _____ Estado civil: _____

Vive com o pai do adol.: S () N ()

Escolaridade:

Ensino Fundamental () Completo () Cursou até ____ ano

Profissão: _____

Ensino Médio () Completo () Cursou até ____ ano

Ensino Superior () Completo () Cursou até ____ ano

Atividade atual: _____

Pós-graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

Adolescente

Idade: _____ Idade dos irmãos: _____

Escolaridade:

Ensino Fundamental () Completo () Cursou até ____ ano

Possui irmãos: _____

Ensino Médio () Completo () Cursou até ____ ano

() S () N _____

Quantos: _____

Pai

Idade: _____ Estado civil: _____

Escolaridade:

Ensino Fundamental () Completo () Cursou até ____ ano

Profissão: _____

Ensino Médio () Completo () Cursou até ____ ano

Ensino Superior () Completo () Cursou até ____ ano

Atividade atual: _____

Pós-graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

Anexo III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Transmissão psíquica: repercussões na escolha profissional

Pesquisadora: Katia Nahum Campos

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

A pesquisa intitulada “Transmissão psíquica: repercussões na escolha profissional” tem como finalidade investigar a influência da família na escolha profissional do adolescente, observando os desejos que são transmitidos entre as gerações familiares. Este formulário de consentimento refere-se à autorização da utilização dos dados que forem coletados nas entrevistas com o pai, a mãe e o adolescente. Esclarecemos, ainda, que estas informações serão utilizadas apenas no meio científico, para fins de ensino/pesquisa e publicação. Todas as informações relatadas neste estudo são estritamente confidenciais, sendo a identidade da família resguardada, bem como preservados os demais aspectos éticos.

Assinatura da pesquisadora

Katia Nahum Campos

Tendo lido os esclarecimentos sobre a pesquisa acima mencionada, autorizamos a utilização dos dados da entrevista, da qual participamos, em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada a identidade dos membros da família.

Assinatura da mãe participante

Assinatura do pai participante

Assinatura da adolescente participante

Niterói, de de 2009.